

I. S. E. G.
Biblioteca
HB179. P67. B37
1996 49307

Universidade Técnica de Lisboa
Instituto Superior de Economia e Gestão

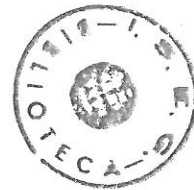


CARLOS BASTIEN

HISTÓRIA EMPRESARIAL - I

(Relatório científico-pedagógico apresentado no
âmbito de provas de agregação)

LISBOA
1996



“Uma história completa dos nossos estabelecimentos fabris, acompanhada das competentes aplicações dos princípios da Economia Política e da Administração Fiscal, seria um importante serviço feito ao Estado, tanto pela novidade e dificuldade da matéria, que os nossos antecessores deixaram intacta e confundida, como pelos muitos auxílios que dela se poderiam tirar.

Do passado se tiram sempre as melhores lições para se regular o futuro, e nesta História acharia o Governo os necessários conhecimentos para o seu bom acerto nos actos legislativos e administrativos em tais assuntos, seguindo a marcha dos que o precederam, no que acertaram, e desviando-se dela, no que erraram. Os particulares achariam também os exemplos e ditames mais seguros que lhes servissem de guia nas suas empresas”.

José Acúrsio das Neves (1827)

PLANO DO RELATÓRIO

1. Introdução
2. Razões de uma escolha
3. Programa
4. Organização pedagógica
5. Plano de aulas
6. Bibliografia
7. Avaliação de conhecimentos
8. Referências



1. INTRODUÇÃO

O objectivo imediato do relatório que ora se apresenta é o de dar cumprimento às condições previstas na alínea a) do nº 1 do artigo 9º do Decreto nº 301/72, de 14 de Agosto.

O seu conteúdo consiste na apresentação e justificação do plano de uma disciplina trimestral pertencente ao plano de estudos do curso de mestrado em História Económica e Social do ISEG /UTL.

A disciplina escolhida intitula-se genericamente “História Empresarial - I” centrando-se no entanto o seu conteúdo no estudo do caso português ao longo da época contemporânea, mais precisamente no estudo das formas empresariais presentes no espaço económico português, no período que medeia entre os começos do século 19 e a actualidade.

2. RAZÕES DE UMA ESCOLHA

As razões que fundamentam a eleição da disciplina “História Empresarial - I” para objecto deste relatório são múltiplas e decorrem da sua relevância científica e pedagógica, da oportunidade de a institucionalizar e da nossa própria motivação pessoal.

2.1. Relevância científica

De um modo algo simplista, poderá dizer-se que a grande tarefa que se vem colocando à actual historiografia económica e social portuguesa é a de medir, caracterizar e explicar a marcha da economia e da sociedade portuguesas ao longo dos dois últimos séculos. Impõe-se sobretudo identificar as causas do atraso português, mais precisamente, averiguar os bloqueios que durante três quartos desse período mantiveram Portugal à margem do crescimento económico moderno.

Alguma historiografia tradicional e sobretudo o senso comum tenderam a referir a escassez de recursos naturais e de recursos produzidos (capitais) como causas do atraso da economia portuguesa. Contudo, com a intensificação do ritmo do crescimento económico a partir do início dos anos 50 e com a renovação historiográfica ocorrida no decurso das duas últimas décadas, a questão passou a ser discutida noutros termos. A sobrevivência de uma mentalidade e de estruturas agrárias e sociais de antigo regime (v. g. GODINHO [1975]), as políticas económicas internas (v.g. MARQUES [1980] e MATA [1988]), as políticas económicas externas liberalizantes (v. g. PEREIRA [1971]), ou proteccionistas (v. g. REIS [1984]) e o baixo nível educacional (v. g. NUNES [1993]), foram então alguns dos factores invocados nas diversas tentativas de explicação do mencionado atraso.

Alguns economistas, quiçá os mais sensíveis ao *apport* schumpeteriano, ainda afloraram a hipótese de tal atraso se dever à falta de capacidade empresarial (v. g. PEREIRA [1954] e MOURA [1969]) mas, na sua maioria, os economistas tenderam a esquecer esta dimensão do problema. Exposições teóricas recentes sobre os chamados “motores do desenvolvimento” continuam a privilegiar abordagens puramente macroeconómicas desta problemática, as quais, ao excluírem a consideração explícita da empresarialidade enquanto quarto factor produtivo, tendem a ignorar a “questão empresarial” (v. g. NEVES [1993]). Os mais actualizados estudos de economia aplicada sobre o crescimento português das últimas décadas seguem pela mesma via: quando não ignoram de todo o tema apenas o referem de modo inexpressivo (v. g. LOPES [1996]).

Alguns historiadores da economia portuguesa, eventualmente influenciados pelos trabalhos de Kuznets sobre os processos de modernização, foram também tentados a tomar a evolução da empresa mais como consequência que como causa daqueles processos mas, ainda assim, não deixaram de algum modo de se lhe referir (v. g. REIS [1982], NUNES; MATA; VALÉRIO [1989], PEDREIRA [1992], FONSECA [1996]). Seria contudo Gabriel Tortella quem mais avançaria na tentativa de relacionar a “questão empresarial” com o atraso do processo de modernização, ainda que por enquanto, e no que respeita ao caso português, apenas em termos de sugestão. É que, na sequência de estudos em que procura identificar um eventual padrão de atraso económico próprio dos países da Europa mediterrânica (TORTELLA [1994a]) considera a empresarialidade um factor relevante designadamente quando afirma que “se a escassez de espírito empresarial foi um dos factores do atraso espanhol, também o deverá ter sido nos casos de Itália e Portugal, pelo menos” (TORTELLA [1994b], p. 179). A hipótese é pertinente mas aguarda a oportunidade de ser testada.

Do referido resulta clara a conveniência em aprofundar os estudos sobre a realidade empresarial portuguesa - que não se devem limitar a registar factos e a acumular descrições de empresas individualmente consideradas - esclarecendo a evolução dessa realidade em articulação com a evolução do sistema económico e social em que se insere e procurando avaliar as suas contribuições para os eventuais ganhos de eficiência desse sistema. A grande questão a que a história empresarial tem que responder é pois: em que condições ocorreram os ganhos de eficiência intra-empresarial e até que ponto o padrão e o ritmo do crescimento económico português pode ser explicado por esses ganhos ?

A resposta passa pelo esclarecimento de uma série longa de outras questões relativas à história das empresas portuguesas, tais como: o que deve considerar-se uma grande empresa em Portugal ao longo dos séculos 19 e 20 ? Quando surgiram e quão grandes foram essas grandes empresas ? em que sectores se situaram ? Que significado tiveram ou têm no tecido empresarial ? Que estratégias de crescimento empresarial adoptaram ? De que mecanismos de concentração empresarial se socorreram ? Que tipos de estrutura organizativa adoptaram ? Quando adquiriram características modernas, no sentido chandleriano do termo ? Quando foi elaborado e implementado o primeiro organograma de tipo multidivisional e como se disseminou entre nós essa forma organizativa ? Quando e onde foi originalmente introduzida a organização científica do trabalho ? Quando é que se tornou sensível, se é que alguma vez se tornou, a separação entre a propriedade e o controlo ? Quando e onde emergiu um corpo gerencial ? Como evoluiu o quadro jurídico e como é que este afectou o desenvolvimento empresarial ? De que modo a política económica, ao longo das suas sucessivas etapas, afectou o desenvolvimento do tecido empresarial ? Há algo de específico no padrão de organização e funcionamento das empresas portuguesas ? Eis algumas questões que dificilmente obtêm resposta clara no estado actual da investigação mas cujo esclarecimento se situa na rota de aprofundamento da história da economia e da sociedade portuguesa contemporâneas.

2.2. Relevância pedagógica

Também no plano pedagógico existem razões que justificam a existência da disciplina “História Empresarial - I”.

Uma primeira razão decorre directamente da acima aludida relevância científica do tema. Se a história empresarial constitui um sub-capítulo da história

económica e social, para mais um sub-capítulo cujo progresso é importante para o reforço do potencial analítico daquela disciplina, há que sensibilizar os historiadores da economia para a importância das organizações empresariais, fornecer-lhes informação sobre os resultados alcançados neste campo específico, e alargar as suas competências a esta área não contemplada pela sua formação de base, designadamente no que respeita ao domínio das teorias e metodologias que lhe são próprias.

Para além desta função de preparação genérica de historiadores da economia pode e deve uma disciplina deste tipo contribuir, ainda que subsidiariamente, para a formação de historiadores que se venham a especializar em áreas confinantes com a história empresarial, como é o caso da história social ou da história das técnicas.

O ensino da história empresarial tem no entanto a sua principal razão de ser na formação de especialistas para a própria disciplina. Como já acima se sugeriu, a história empresarial emergiu com significativo atraso e apenas muito recentemente na cena historiográfica portuguesa. Monografias sobre empresas publicam-se em Portugal há décadas, mas elas são na sua esmagadora maioria produto de um labor desenvolvido à margem da universidade e ao arrepio de critérios científicos actualmente aceitáveis. Em geral, oscilam entre a mera descrição, ainda que pautada por preocupações de objectividade e rigor (v. g. ALMEIDA [1980]), e o “descritivismo apologético”, sempre que a objectividade é sacrificada e a descrição se subordina a intenções legitimantes ou meramente propagandísticas de empresas e empresários (v. g. OLAIÓ; MOREIRA [1995]). Formar especialistas é condição de superação deste estado de coisas.

É certo que os meios empresariais se têm revelado em geral pouco motivados para apoiar o desenvolvimento de uma história empresarial mais evoluída e autêntica que aquela que em geral têm solicitado, seja por não lhe reconhecerem utilidade prática ou rentabilidade, seja por manterem alguma desconfiança e receio em abrir os seus arquivos à curiosidade dos investigadores.

Alguns sinais sugerem no entanto que esta situação pode estar a mudar, ainda que lentamente. Os meios empresariais revelam uma abertura crescente a novas concepções sobre a natureza da empresa, designadamente às que a entendem como uma realidade (também) cultural, como organização que tem uma cultura própria e com a qual se pode e deve contar no âmbito da gestão. Como a cultura da empresa é algo que se sedimenta ao longo do tempo e que é susceptível de ser revelado e inculcado através do trabalho historiográfico, é de admitir que algumas empresas, designadamente de entre as de maior dimensão e

longevidade, intensifiquem a procura de serviços de arquivistas e historiadores em ordem a organizar arquivos e a produzir história empresarial. Preparar historiadores para a empresa, e eventualmente para outro tipo de organizações, é ainda razão justificativa da inclusão de uma disciplina de história empresarial num curso especializado.

A possível articulação da acção do historiador da economia com a empresa vai no entanto mais além. É que, o facto de as empresas actuarem em ambientes crescentemente marcados pela incerteza conduziu ao recurso à análise histórica como utensílio adicional da gestão (designadamente do planeamento a longo prazo) precisamente por se tratar de uma via privilegiada para o decifrar das relações dinâmicas e mutáveis entre a tecnologia, as formas de organização, os mercados e o contexto político e social em que a empresa se move. A pequena dimensão que caracteriza o tecido empresarial português, a sua limitada inserção nos mercados globais e uma presumível falta de capacidade empresarial explicam por ventura a ausência da referida articulação entre a análise histórica e a vida empresarial, mas não é de excluir que tal tipo de ligação possa emergir, ainda que sob a forma mitigada de incorporação da história empresarial em currículos de cursos de gestão. Só por excepção isso sucedeu em universidades portuguesas mas nada impede que a história empresarial venha, por essa via, a adquirir uma mais valia pedagógica.

2.3. Oportunidade e enquadramento

A oportunidade de consolidar no plano curricular a presença da história empresarial decorre, para além das razões de ordem científica e pedagógica acima aduzidas, da necessidade de não ignorar por mais tempo o que nesse âmbito se vem realizando na comunidade científica internacional e de recuperar o atraso que a disciplina conhece no nosso país.

Como é sabido, os primeiros estudos académicos de história empresarial foram realizados por economistas da escola histórica alemã. O afã de legitimar as organizações e instituições existentes revelando-lhes o passado, a adopção de uma metodologia indutiva e uma atenção às lógicas locais para melhor alcançar a complexidade dos sistemas económicos globalmente considerados, foram factores que viabilizaram a emergência da história empresarial. Dessa primeira etapa pouco terá chegado a Portugal. Ainda assim, alguns dos nossos economistas, por ventura os mais sensíveis à influência historicista, não deixaram de incluir nos seus manuais de ensino de teoria económica referências

relativamente extensas à evolução de algumas empresas portuguesas (v. g. LARANJO [s/d]).

Numa segunda etapa a história empresarial desenvolveu-se no âmbito das universidades norte-americanas, particularmente em Harvard, mas também no da Business Historical Society, fundada em 1925. Contudo, com Wallace Dohnam e sobretudo com Norman Gras, a história empresarial evoluiu para o estudo de casos de gestão em empresas individualmente consideradas, num percurso determinado em parte pela emergência da gestão enquanto disciplina académica mas também pela prevalência das concepções neoclássicas no campo dos saberes económicos, as quais centravam a sua atenção na análise do funcionamento dos mercados mas nada diziam sobre as organizações.

Um pouco mais tarde, já sob o impacto da obra de Schumpeter e dos avanços da sociologia, a história empresarial reemergia enquanto área específica da história económica, como o revelam os trabalhos de Arthur Cole. No entanto, nem a sociologia da empresa, nem a gestão, nem tão pouco a história económica existiam então em Portugal enquanto disciplinas científicas, o que só por si constituiu razão poderosa para que todas as mencionadas derivas da história empresarial tivessem passado completamente despercebidas entre nós.

A própria historiografia dos *Annales* não deixaria de revelar desde cedo alguma sensibilidade e interesse pela história de empresas. Nos anos 30 e 40 surgiram nas suas páginas alguns textos de história empresarial, designadamente da autoria do próprio Norman Gras. Contudo, a influência daquela corrente da história económica e social nos meios historiográficos portugueses era então ainda pouco sensível, pelo que também essa virtual porta de entrada da história empresarial em Portugal se manteve fechada.

Nos anos 60 e 70, com o *apport* de Alfred Chandler, a história empresarial alargou significativamente a sua presença nas universidades norte-americanas e impôs-se definitivamente em meios académicos europeus, mas mais uma vez o seu impacto foi nulo em Portugal. Mesmo no âmbito do ensino da gestão, e apesar da significativa renovação curricular e da forte influência da literatura anglo-saxónica que este sofreu a partir da segunda daquelas décadas, a pouca história empresarial que então se fazia em Portugal mantinha-se, como já acima se notou, à margem da universidade e das concepções científicas modernas.

Nos anos 80 surgiram as primeiras verdadeiras manifestações de uma história empresarial produzida por investigadores universitários e com observância de critérios científicos.

No decurso dos anos 90 a especialidade conheceria finalmente um verdadeiro surto de progresso. Chegaram as primeiras traduções de obras de

referência da disciplina (v. g. CHANDLER; DAEMS [1994]), revistas científicas começaram a dedicar atenção à história empresarial (vd. *Estudos de Economia*, vol. 12(1)), defenderam-se as primeiras teses de mestrado de história contemporânea portuguesa que tomaram empresas como objecto de estudo (v. g. LOIO [1994]), realizou-se em 1995 um primeiro encontro científico dedicado especificamente à história empresarial e, em geral, aumentou significativamente o ritmo de publicação de estudos da especialidade elaborados quer por iniciativa dos próprios investigadores quer sob solicitação de organizações empresariais, designadamente das do sector financeiro. No plano qualitativo, os progressos foram menos notórios, já que a tentação do descritivismo, apologético ou não, se mantém forte coexistindo com estudos que apelam à teoria económica e às ciências da organização e da gestão (v. g. NUNES; BASTIEN; VALÉRIO [1994] e BAROSA [1995]).

A sequência natural deste processo é a incorporação na investigação de novos tópicos relacionados com a vida das empresas respeitantes quer à respectiva organização e funcionamento internos quer às relações que mantêm com o sistema económico no seu conjunto, mas é também o aprofundar do conhecimento das teorias e metodologias em que a disciplina se fundamenta.

Estes avanços, reais e potenciais, o *stock* de conhecimentos já disponíveis e a expectativa de uma procura crescente de história empresarial, vinda quer do interior da universidade - em termos de exigência da própria investigação e ensino da história económica e da gestão - quer do meio empresarial, aconselham a institucionalização curricular da disciplina. Até ao momento há a registar dois únicos casos, e ambos muito recentes (1993), em que a história empresarial teve presença explícita nas universidades portuguesas. Um é o do seminário optativo "Empresas, empresários e gestores: dos conceitos às práticas" da Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais da Universidade Católica Portuguesa, e o outro é o do mestrado em História Económica e Social do Instituto Superior de Economia e Gestão, da Universidade Técnica de Lisboa, que incluiu uma cadeira justamente denominada "História Empresarial". Trata-se agora de prolongar e aperfeiçoar esta experiência.

2.4. Motivação pessoal

Um último dado que justifica esta proposta de consolidação de uma cadeira de História Empresarial e, sobretudo, o nosso próprio envolvimento em tal projecto, decorre do passado e presente investimento que nos últimos anos vimos

realizando, em conjunto com alguns colegas no âmbito do Gabinete de História Económica e Social, nesta área científica.

Esse envolvimento expressa-se, designadamente, na participação no 15º Encontro da Associação Portuguesa de História Económica e Social, realizado em Évora em 1995, e que foi até à data o único encontro científico especificamente dedicado à história empresarial realizado em Portugal, ou na participação no 18º Congresso Internacional de Ciências Históricas, realizado em Montreal em 1995 e em cuja 16ª secção de temas especializados esteve presente a história empresarial. Expressa-se ainda na nossa participação em dois projectos de investigação de história empresarial portuguesa e bem assim na publicação de alguns textos sobre essa mesma temática. Expressa-se finalmente no facto de termos sido responsáveis pela organização e leccionação da disciplina “História Empresarial” do acima mencionado mestrado em “História Económica e Social” do Instituto Superior de Economia e Gestão. O programa que se propõe no capítulo 3 deste relatório não se afasta muito do que então realizámos.

Participar neste processo de afirmação de uma nova, ou renovada, área científica e colaborar, ainda que modestamente, no esforço colectivo de alargamento das perspectivas da história económica e social que se faz em Portugal constitui a nosso ver razão e motivação bastantes para a escolha da disciplina “História Empresarial - I” como matéria deste relatório.

3. PROGRAMA

Como já se referiu no capítulo 1, o programa ora proposto para a disciplina “História Empresarial - I” está condicionado por opções de âmbito cronológico e de âmbito temático.

3.1. Âmbito cronológico

O período histórico a que se reporta é o que medeia entre os alvares do século 19 e a actualidade. As razões de tal opção podem sintetizar-se no seguinte.

A disciplina em causa insere-se num curso de mestrado especialmente vocacionado para o estudo da história da economia portuguesa dos últimos dois séculos, isto é, para o período em que se situam as raízes do Portugal contemporâneo. Assim, para entender o lento processo de criação de condições de modernização das estruturas económicas portuguesas que desde então se desencadeou é indispensável conhecer a evolução paralela das formas organizativas das unidades económicas produtivas e os aspectos institucionais que as enquadraram.

O facto de o programa aqui proposto se estender até à actualidade, um pouco à revelia do que é uso em cursos e cadeiras de história, tem naturalmente fundamentos em boa parte semelhantes aos que indicámos para o limite cronológico inferior. Valerá no entanto a pena sublinhar dois aspectos: um é que esta opção envolve a minimização do ponto de vista, corrente mesmo entre historiadores, de que a objectividade não é possível senão em relação a períodos históricos cronologicamente afastados; outro é que se procura com este procedimento cumprir um objectivo fundamental que é o acentuar da vertente instrumental da análise histórica. Apresentar e discutir os contornos da estrutura actual do meio empresarial português numa perspectiva histórica permitirá uma reflexão sobre as suas potencialidades evolutivas.

Um terceiro dado a condicionar o âmbito temporal limitado deste programa decorre da necessidade de se definir um programa exequível para uma cadeira trimestral, e portanto para um número necessariamente reduzido de aulas. Esta circunstância impõe limitações relativamente apertadas à extensão das matérias a tratar, sobretudo quando, como é o caso, se pretende cumprir um mínimo de profundidade na análise dos tópicos seleccionados.

3.2. Âmbito temático

Optou-se por decompôr o programa da disciplina aqui proposta segundo três tópicos desenvolvidos ao longo de três capítulos. O primeiro destes capítulos tem como objectivo fornecer aos alunos uma visão genérica do campo da investigação em história empresarial. Assinala-se, de modo necessariamente breve, a diversidade de concepções teóricas e metodológicas que o atravessam, apresentam-se os principais resultados alcançados e identificam-se as presumíveis linhas evolutivas que condicionam a investigação a desenvolver no futuro próximo.

O segundo capítulo tem como objectivo apresentar e discutir com algum detalhe as teorias, as noções operatórias e as metodologias próprias da história empresarial. As múltiplas concepções teóricas e não-teóricas presentes nesse campo e muitos dos conceitos e metodologias utilizados não são familiares aos potenciais alunos de um curso desta natureza, já que a sua formação de base é, a avaliar pela experiência passada, muito diversificada. Trata-se assim de, tanto quanto possível, colocar os alunos em situação de igualdade no que respeita ao conhecimento dessas matérias. Mas, ainda que assim não fosse, continuaria a ser aconselhável introduzir neste programa uma significativa componente teórica. Passar de um descritivismo mais ou menos apologético ou do recurso à intuição para uma história fundada numa estrutura teórica sólida é, no momento presente, o grande desafio que se coloca à história empresarial em Portugal.

Resulta do exposto que o programa que aqui se propõe dedica um número significativo de aulas, cerca de 42% das aulas de exposição, à introdução de elementos teóricos oriundos, designadamente, da economia, da sociologia e da teoria da organizações.

Refira-se que, se em relação às duas últimas disciplinas citadas se trata sobretudo de uma apresentação breve de um número reduzido de noções operatórias, que desempenham uma função auxiliar nos modelos explicativos, já em relação à economia a situação é diversa e mais exigente. Por um lado, porque a história empresarial a que aqui nos reportamos é essencialmente história económica da empresa; o que se visa é o estudo da organização, funcionamento e evolução da empresa não só enquanto realidade microeconómica e microsociaL mas sobretudo na sua relação com o sector de actividade em que se insere e na sua relação com a economia e a sociedade portuguesa no seu conjunto; isto é, o esclarecimento do seu papel no processo de modernização. Por outro lado, porque a teoria económica susceptível de fundar a investigação em história empresarial está ela própria fragmentada em diversas correntes que têm, como é natural, revelado um potencial desigual para suportar a investigação empírica.

Na impossibilidade de no decurso das aulas realizar uma apresentação de todas as correntes aludidas, optou-se por uma referência mais especificada apenas à microeconomia neoclássica e à parcela da corrente neo-institucionalista, correntemente designada por economia dos custos de transacção. A razão desta opção é pragmática: são as duas correntes que mais têm contribuído para a construção de modelos explicativos em história empresarial, tal qual vem sendo desenvolvida nos últimos anos. Tenha-se no entanto em conta que essa opção não inviabiliza o recurso a textos teóricos e aplicados expressivos de outras referências teóricas.

O terceiro e último capítulo do programa tem como objectivo fundamental o estabelecimento de uma tipologia das formas empresariais que existiram ou existem nos espaços económicos relevantes abrangidos pelo moderno crescimento económico. A sua caracterização, que assenta numa referência a múltiplos factores (formas de organização, de gestão, tipos de tecnologias, etc), foi construída a partir das experiências históricas das economias do centro da economia mundial. Contudo, tal circunstância não a torna irrelevante para a história empresarial portuguesa visto que, apesar dos condicionalismos decorrentes do atraso e da posição semi-periférica que a economia portuguesa assumiu nos dois últimos séculos, as empresas portuguesas não deixaram de ser tocadas, ainda que nalguns casos superficialmente, pelas dinâmicas típicas das empresas presentes em economias mais evoluídas.

Da consideração de todos estes aspectos resultou o programa seguinte:

PROGRAMA

1. Situação actual da disciplina.
 - 1.1. Temas e problemas da história empresarial.

2. Teorias e noções operatórias para história empresarial.
 - 2.1. Empresas e empresários.
 - 2.2. Produção e custos.
 - 2.3. Mercados.
 - 2.4. Custos de transacção.
 - 2.5. A empresa como entidade sociológica e cultural.

3. Formas empresariais inovadoras em diversas épocas económicas.
 - 3.1. As unidades de produção pré-modernas.
 - 3.2. A pequena empresa do início do Crescimento Económico Moderno.
 - 3.3. A empresa moderna e os primeiros grupos económicos dos finais do século 19.
 - 3.4. A empresa gigante do período entre as guerras.
 - 3.5. A empresa transnacional do após segunda guerra mundial.
 - 3.6. A nova pequena empresa dos finais do século 20.

4. ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA

O programa acima enunciado está concebido, como já se referiu na introdução, para uma disciplina trimestral. Sabendo-se que cada trimestre lectivo tem uma duração efectiva média de 9 semanas úteis e que em regra há nos nossos mestrados duas aulas por semana e por disciplina, o cumprimento do referido programa deverá ocupar um total de 18 aulas de 2 horas cada uma, isto é, um total de 36 horas de tempo lectivo.

Essas dezoito aulas, embora sem distinção formal *a priori*, integrarão três conjuntos. O primeiro deles é constituído apenas por uma aula, designada de aula de apresentação, na qual, para além das indicações genéricas sobre o funcionamento da disciplina, deverá ser fornecida aos alunos alguma documentação relativa ao funcionamento da disciplina.

Um segundo conjunto é formado por doze aulas em que vigorará um padrão próximo do que se designa habitualmente por aulas de exposição ou aulas teóricas. São aulas que visam fornecer aos alunos uma visão geral e uma informação tanto quanto possível homogénea e actualizada sobre todos os tópicos que compõem o programa. O seu *modus operandi* consiste na exposição e desenvolvimento por parte do docente de cada um daqueles tópicos, na orientação da leitura de textos essenciais correspondentes a esses mesmos tópicos e, acessoriamente, e porque a duração das aulas e a presumível pequena dimensão das turmas certamente o permitirá, num diálogo com os alunos em torno dos diversos pontos antes abordados e que necessitem de esclarecimentos adicionais. Não é também de descartar a hipótese de uma ou outra dessas aulas poder contar com a colaboração de especialistas em temas específicos aí tratados e para o efeito convidados.

As restantes cinco aulas formam um terceiro conjunto em que vigorará o padrão do que se usa designar por aulas práticas. Estas aulas, nas quais a intervenção dos alunos será necessariamente mais activa que nas aulas de exposição, têm como objectivo aprofundar o contacto dos alunos com aspectos fundamentais do programa e, portanto, com tópicos constantes das aulas de exposição. O *modus operandi* dessas aulas consiste na apresentação e discussão pelos alunos de conjuntos de textos previamente seleccionados pelo docente de modo a cumprir alternativa ou cumulativamente os seguintes objectivos:

- permitir uma mais cabal compreensão de aspectos da exposição teórica através do contacto com os textos representativos das diversas teorias da empresa;

- facilitar o contacto com resultados da investigação empírica que expressem o modo de operar das concepções teóricas e metodológicas referidas nas aulas de exposição;

- facilitar o acesso a referências fundamentais do desenvolvimento da história empresarial.

Essas cinco aulas serão intercaladas entre as aulas de exposição, não tendo à partida um momento pré-determinado. O momento da sua realização é condicionado pela natureza dos temas e textos seleccionados para discussão em aula em cada uma das edições da disciplina, devendo decorrer na sequência imediata da exposição do tópico do programa a que respeitam.

É ainda necessário referir que o contacto dos alunos com o docente e com as matérias leccionadas não se esgota no tempo de aulas visto que se procurará aproveitar os períodos extra-lectivos dedicados ao atendimento de alunos para realizar um esclarecimento adicional de aspectos das matérias tratadas nas aulas, de acordo com o interesse manifestado pelos alunos.

As poucas semanas de duração da disciplina, o relativamente pequeno número de aulas que comporta, e ainda o facto de o estudo da história empresarial ter sequência numa outra disciplina intitulada “História Empresarial - II” são razões que explicam que não se exija aos alunos a elaboração de relatórios escritos, ainda que centrados nos textos discutidos na aula prática, e menos ainda a elaboração de quaisquer estudos de carácter monográfico, ou outro. Estudos desse tipo, ainda que ambicionando constituir apenas um início de treino de investigação nesta área disciplinar ficam reservados para a acima nomeada disciplina “História Empresarial - II”, a qual é, de acordo com a actual organização do curso, facultativa. Dos alunos de “História Empresarial - I” apenas se pretende que fiquem com uma visão da situação da disciplina, designadamente das correntes teóricas presentes nesse campo, das problemáticas trabalhadas, das metodologias utilizadas e dos principais resultados alcançados.

5. PLANO DE AULAS

Tomando em consideração os aspectos gerais até aqui avançados sobre os objectivos científicos e pedagógicos da disciplina é agora possível expor com algum detalhe o plano de cada uma das aulas explicitando os respectivos conteúdos. Assim:

5.1. Aulas de Exposição

Elas serão, como se disse, em número de doze devendo orientar-se pelos seguintes sumários:

Aula de Exposição nº 1 - APRESENTAÇÃO

- a) Objectivos da disciplina.
- b) Grandes linhas do Programa.
- c) Indicações bibliográficas.
- d) Referência aos diversos tipos de aulas.
- e) Métodos de avaliação de conhecimentos.
- f) Calendário das aulas e dos momentos de avaliação.

Observações:

O objectivo fundamental desta aula é, como usual, o de fornecer aos alunos indicações precisas sobre o conteúdo e o modo de funcionamento da disciplina.

Como material de apoio será desde logo distribuído um exemplar do programa (vd. capítulo 3 deste relatório), um calendário das aulas e avaliações, uma bibliografia geral da disciplina (vd. capítulo 6 deste relatório) e um caderno com os textos das aulas práticas (vd. sub-capítulo 5.2. deste relatório).

Aula de Exposição nº 2 - TEMAS E PROBLEMAS DA HISTÓRIA EMPRESARIAL



- a) A empresa como realidade multifacetada.
- b) A história empresarial como integrante da história económica e social.
- c) As epistemologias e metodologias utilizadas.
- d) As teorias económicas utilizadas.
- e) Os sectores estudados e os resultados alcançados.
- f) As fontes e os arquivos e museus.

Observações:

O objectivo fundamental desta aula é o de dar conta da situação actualmente vivida no campo da história empresarial entre nós. Isso compreende o esclarecimento do estatuto científico da história empresarial, designadamente da sua relação de dependência relativamente à história económica e social e das relações “laterais” que mantém com disciplinas afins (história do direito comercial, a história das técnicas, a história do movimento operário, a história da gestão, etc). Uma apresentação sucinta da história da própria disciplina, contemplando designadamente uma referência aos corpos teórico-económico de que a história empresarial se tem socorrido e uma referência aos principais resultados alcançados, é o outro grande tópico a considerar na abertura desta cadeira.

Como apoio bibliográfico a uma história da história empresarial em geral veja-se DAVIET [1990] e FRAILE [1993]. Sobre a forma como a teoria económica trata a realidade empresarial veja-se HOLMSTROM; TIROLE [1989] ou SEGURA SANCHEZ [1996] e, para o caso especial da teoria marxista, MARGLIN [1976] e BOWLES [1985]. Relativamente à situação das fontes veja-se RODRIGUES [1993].

Aula de Exposição nº 3 - EMPRESAS E EMPRESÁRIOS

- a) Conceito de organização. A empresa como forma particular de organização.
- b) Estratégia e estrutura interna.
- c) Principais funções da empresa.
- d) Indicadores de dimensão e de concentração.
- e) O ciclo de vida da empresa.
- f) Conceito de empresário.

Observações:

O objectivo fundamental desta aula é de introduzir alguns conceitos fundamentais da teoria da organização e da gestão com os quais se possa construir um corpo teórico para uma história empresarial que não se quer meramente descritiva e/ou apoiada na intuição.

Como apoio bibliográfico à ideia de organização e à conceptualização da empresa como organização e respectivas formas estruturais veja-se MINTZBERG [1995], capítulos 2, 3 e 13 em especial e/ou CHIAVENATO [1994], capítulos 2 e 5 em especial. Para uma apresentação da ideia de estrutura organizativa, tal qual foi popularizada por Chandler, veja-se CHANDLER [1977], capítulo 3. Para uma perspectiva crítica das concepções academicamente dominantes, veja-se PIROLI [s/d] e MARGINSON [1994]. Quanto à organização como objecto de história veja-se FRIDENSON [1989].

Uma apresentação das diversas funções da empresa pode ver-se em diversos manuais correntes de gestão, designadamente em BARANGER *et al.* [1990] ou em BUENO CAMPOS *et al.* [1992]. Para uma apresentação sintética da teoria do ciclo de vida da empresa veja-se MILLER e FRIESEN [1984]. Para uma apresentação resumida das teorias do empresário veja-se o capítulo 7 de BUENO CAMPOS *et al.* [1992]. Uma referência mais detalhada pode encontrar-se em CASSON [1982], capítulos 18 e 19 em especial.

Aula de Exposição nº 4 - PRODUÇÃO E CUSTOS

- a) A função de produção.
- b) O produto: total, médio e marginal.
- c) Os rendimentos decrescentes.
- d) O progresso tecnológico e os rendimentos de escala e de gama.
- e) O custo: total, médio e marginal.
- f) O balanço e a demonstração de resultados.

Observações:

O objectivo fundamental desta aula é o de introduzir alguns conceitos fundamentais da microeconomia neoclássica, conceitos esses que são relevantes para a caracterização da realidade empresarial, designadamente das condições do seu funcionamento corrente, das determinantes de dimensão e dos processos de integração, designadamente horizontal.

A referência complementar a conceitos contabilísticos será ainda mais sumária e destina-se apenas a permitir que os alunos adquiram a noção de balanço, enquanto modo de representar o valor de uma dada empresa.

O apoio bibliográfico a estas matérias poderá ser proporcionado por um dos muitos manuais adoptado no ensino das ciências económicas que incorporam a apresentação da microeconomia. Sugere-se no entanto o recurso a TORTELLA [1987], capítulo 3, pela simplicidade da apresentação destes temas e pelo facto de ter sido concebido de raiz para historiadores. Como alternativa e numa ordem de crescente complexidade sugere-se o recurso a SAMUELSON; NORDHAUS [1993], capítulos 7 e 8, e ainda, tendo em atenção o tratamento do caso das firmas multi-produto, a MOSCHANDREAS [1994], capítulo 6.

Aula de Exposição nº 5 - MERCADOS

- a) O mercado como elemento relevante do ambiente da empresa.
- b) Os tipos de mercado e o poder de mercado.
- c) O comportamento da empresa em mercado de concorrência perfeita.
- d) O comportamento da empresa em mercado de monopólio.
- e) O comportamento da empresa em mercado de concorrência monopolística.
- f) Barreiras à concorrência.

Observações:

O objectivo fundamental desta aula é o de introduzir uma tipologia dos mercados, alguns conceitos necessários à compreensão dos respectivos modos de organização e de funcionamento e a forma de determinação dos equilíbrios da empresa em cada um dos tipos de mercado considerados.

Nesta abordagem introduzir-se-ão alguns conceitos com particular operacionalidade para a análise histórica, designadamente o de elasticidade da oferta e da procura, o de rácio de concentração e o de restrição à concorrência.

O apoio bibliográfico ao estudo destes tópicos poderá ser proporcionado por um dos muitos manuais de microeconomia ou de economia de empresa existentes. Sugere-se no entanto o recurso a TORTELLA [1987], capítulo 4 em especial, ou a SAMUELSON; NORDHAUS [1993], capítulos 9 a 11, ou a MOSCHANDREAS [1994], capítulo 8 em especial.

Aula de Exposição nº 6 - CUSTOS DE TRANSACÇÃO

- a) As hipóteses da racionalidade limitada e da incerteza nas relações com o mercado.

- b) Características das transacções.
- c) Tipologia dos custos de transacção.
- d) As condições de emergência e de evolução da empresa.
- e) As vantagens da organização interna.
- f) A estrutura hierárquica das empresas.
- g) A integração vertical.

Observações:

O objectivo fundamental desta aula é de introduzir uma visão não ortodoxa e recém desenvolvida da problemática da empresa, a qual tem sido crescentemente utilizada como suporte teórico da investigação empírica em história empresarial. Essa visão será particularmente relevante sempre que esteja em causa a explicação da dinâmica de crescimento da empresa, de processos de integração vertical, de formação de grupos ou de multinacionalização.

A relativa novidade e heterodoxia desta abordagem da problemática da empresa explica que ela esteja ausente - ou apenas referida muito ao de leve - da generalidade dos manuais de micro-economia e mesmo de economia da empresa. Excepção a essa regra, que neste contexto poderá servir de apoio bibliográfico fundamental, é MOSCHANDREAS [1994], capítulo 3 em especial ou, como alternativa, e a um nível um pouco mais formalizado, WILLIAMSON [1989].

Para um tratamento mais detalhado dos tópicos desta aula, recomenda-se a leitura de alguns dos textos mais representativos desta corrente, designadamente EGGERTSSON [1992], capítulo 7 em especial, WILLIAMSON [1981] e WILLIAMSON [1983], capítulos 2, 3 e 5, em especial.

Aula de Exposição nº 7 - A EMPRESA COMO ENTIDADE SOCIOLOGICA E CULTURAL

- a) Papéis sociais, grupos sociais e itinerários sociais.
- b) Caracterização dos principais papéis sociais.
- c) Relações formais e informais inter-grupos sociais.
- d) Cooperação e conflito social.
- e) Formas de autoridade na empresa.
- f) A cultura da empresa.

Observações:

O objectivo fundamental desta aula é o de introduzir alguns conceitos sociológicos necessários à compreensão dos modos de organização e de funcionamento da empresa e da relação destes modos com os processos de modernização social.

Nesta abordagem introduzir-se-ão algumas noções operatórias com particular operacionalidade para a análise histórica, designadamente a noção basilar de papel social, de grupo social, de organização formal e informal, das condições de transição de grupo, etc. Os papéis sociais fundamentais para a compreensão da empresa moderna, designadamente os de empresário, de quadro técnico e de operário, serão objecto de caracterização específica. A tipologia das formas de autoridade, bem como das diversas culturas nela presentes são também elementos relevantes para a compreensão da diversidade dos modos de funcionamento da empresa e por isso também aqui referidos.

O apoio bibliográfico ao estudo destes tópicos poderá ser proporcionado por um dos diversos manuais de sociologia da empresa existentes, designadamente LUCAS MARIN [1992], capítulos 14 a 18 em especial, e eventualmente, ROSA [1991], capítulos 1, 3 e 11.

Em particular, a abordagem da mobilidade e dos itinerários sociais e das formas de autoridade pode ser bibliograficamente apoiada em BERTAUX [1978], capítulos 6 e 7 em especial. No que respeita à noção de cultura de empresa sugere-se a consulta de LOPES; RETO [1989] e MENDES [1992] e para a abordagem da relação entre a cultura empresarial e a evolução dos processos decisórios RAMANANTSOA [1987]. Para uma abordagem do percurso histórico da empresa e do empresário enquanto realidade social, veja-se SANCHEZ LOPEZ [1968] e SEGRESTIN [1992], capítulos 3 e 4 em especial.

Aula de Exposição nº 8 - AS UNIDADES DE PRODUÇÃO PRÉ-MODERNAS

- a) As restrições ao carácter empresarial das unidades de produção pré-modernas e aos mercados de factores produtivos e de bens finais.
- b) As tecnologias pré-modernas.
- c) O domínio senhorial.
- d) O artesanato e as regulamentações corporativas.
- e) O sistema doméstico e a manufactura.
- f) As companhias coloniais por acções.

Observações:

O objectivo fundamental desta aula é o de fornecer uma panorâmica das características gerais e tipos das unidades produtivas pré-modernas em ordem a facilitar a compreensão da cronologia, das formas de organização e de funcionamento específicas das empresas próprias da sociedade moderna.

O apoio bibliográfico ao estudo destes tópicos poderá, em termos gerais, ser proporcionado pela consulta de textos com orientações teóricas variadas, designadamente por POLLARD [1967], capítulo 2, por NUNES [1973], Parte 1, e por EGGERTSSON [1992], capítulo 7. No que respeita a algumas formas específicas de unidades pré-modernas pode ver-se, relativamente ao domínio senhorial, BATH [1977], sobre as restantes formas veja-se SUPPLE [1977], KELLENBENZ [1977] e LESPAGNOL [1991].

No que respeita à evolução tecnológica veja-se GILLES [1978], capítulo “systemes classiques”. Relativamente ao empresário pré-moderno veja-se SOSSON [1991] e quanto às formas de gestão veja-se GEORGES Jr. [1972], capítulos 2 e 3. No que respeita ao enquadramento jurídico veja-se GALGANO [1980], capítulos 2 e 3.

Para o caso português veja-se AMARAL [1994], BASTIEN [1991], CARREIRA [1983].

Aula de Exposição nº 9 - A PEQUENA EMPRESA DO INÍCIO DO CRESCIMENTO ECONÓMICO MODERNO

- a) A pequena empresa concorrencial.
- b) As tecnologias da primeira revolução industrial.
- c) A organização do trabalho e a gestão.
- d) A estrutura organizativa.
- e) Os mecanismos concorrenciais.
- f) As formas jurídicas.
- g) A questão social: as formas de resistência operária.
- h) As associações mutualistas e cooperativas.

Observações:

O objectivo fundamental desta aula é o de introduzir informação relativa às primeiras empresas da fase do crescimento económico moderno. Sobre esse tipo de unidades produtivas em geral veja-se OKOCHI; YASUOKA [1984], HENRI [1988] e DYER [1988]. Sobre as tecnologias veja-se NUNES; VALÉRIO [1995], capítulo 2 ou, com maior pormenorização, GILLES [1978], capítulo “La revolution industrielle”. Sobre as formas de organização veja-se POLLARD [1967], capítulos 3 e 5 e ainda MINTZBERG [1995], capítulo 17. No que respeita

ao pensamento e formas de gestão adoptadas veja-se GEORGES Jr. [1972], capítulo 3. Sobre o modo de vida e o movimento operário veja-se ABENDROTH [1973], capítulo 1, e sobre o enquadramento jurídico veja-se GALGANO [1980], capítulos 4 e 5.

Relativamente ao caso português é possível apenas uma aproximação parcial à situação deste tipo de empresas a partir dos elementos informativos constantes, designadamente, de MENDES [1985] e MÓNICA [1987]. Sobre o enquadramento jurídico veja-se COSTA [1996], capítulo 68 b). Sobre as empresas cooperativas veja-se VILAÇA [1969].

Aula de Exposição nº 10 - A EMPRESA MODERNA E OS PRIMEIROS GRUPOS ECONÓMICOS DOS FINAIS DO SÉCULO 19

- a) A emergência da empresa moderna: cronologia, dimensão, sectores.
- b) As tecnologias da segunda revolução industrial.
- c) A organização do trabalho e a gestão.
- d) As novas formas jurídicas: as sociedades anónimas.
- e) A emergência do sindicalismo e dos movimentos políticos operários.
- f) Os grupos económicos: factores de integração horizontal e vertical e tipologia dos grupos.

Observações:

O objectivo fundamental desta aula é o de introduzir alguns dados sobre as primeiras empresas que a partir de meados do século 20 revelam uma intensificação do processo de modernização, designadamente ao introduzirem formas organizativas de tipo multi-divisional, e, simultaneamente, dar conta dos fenómenos de integração horizontal e sobretudo vertical que levam à formação e expansão dos grupos empresariais.

O apoio bibliográfico ao estudo do fenómeno de concentração poderá, em termos gerais, ser proporcionado por LANDES [1966]. Sobre as condições de emergência das estruturas multidivisionais veja-se CHANDLER [1984], e sobre as novas formas organizativas veja-se MINTZBERG [1995], capítulos 18 a 20. Sobre a evolução técnica veja-se GILLES [1978], capítulo "L'époque moderne" e sobre os processos de trabalho veja-se PIORE; SABEL [s/d], capítulos 2 e 3 em especial.

No que respeita à problemática dos grupos empresariais veja-se BUENO CAMPOS et al. [1992], capítulo 41. Constituem referências teóricas importantes MONTMORILLON [1986], partes 1 e 2 e BATSCH [1993], capítulo 5 em especial.

Sobre o enquadramento jurídico veja-se GALGANO [1980], capítulo 6 e seguintes e SANTUARI [1995].

Estudos sobre o caso português são raros. Ainda assim, sobre a emergência de empresas modernas, veja-se, por exemplo, BASTIEN [1991] e RODRIGUES [1994]. No que respeita aos grupos empresariais, para além das referências constantes da aula prática nº 4, veja-se ainda MARTINS [1973], PINTADO; MENDONÇA [1989] e RIBEIRO *et al.* [1987].

Referências à evolução do direito relativo às novas formas jurídicas, podem ver-se em CARNAXIDE [1913] “Introdução”, COSTA [1996], capítulo 68, e ANTUNES [1993], Introdução e cap. 1 das Partes I e II.

Aula de Exposição nº 11 - A EMPRESA GIGANTE DO PERÍODO ENTRE AS GUERRAS

- a) A empresa gigante: cronologia, dimensão, sectores.
- b) As novas tecnologias.
- c) A organização científica do trabalho e a gestão.
- d) A separação entre propriedade e controlo. A tecnoestrutura.
- e) As novas formas jurídicas: o reconhecimento dos grupos de sociedades.
- f) As empresas públicas.

Observações:

O objectivo fundamental desta aula é essencialmente o de introduzir a problemática da generalização do modelo da grande empresa divisionalizada, primeiro nos Estados Unidos e depois em alguns dos países europeus.

O apoio bibliográfico poderá, em termos gerais, ser proporcionado por CHANDLER [1977], capítulos 13 e 14 em especial, e, no que respeita à emergência da tecnoestrutura, por GALBRAITH [1989], capítulos 6 e 7 especial. Sobre a evolução tecnológica veja-se NUNES; VALÉRIO [1995], capítulo 3 secção C, ou, com mais pormenores, GILLES [1978], capítulo “Vers un systeme technique contemporain” e sobre a evolução dos métodos de gestão veja-se GEORGES Jr. [1972], capítulos 6, 7 e 10 em especial.

Relativamente ao caso português, em particular no que respeita às novas formas de organização do trabalho, veja-se PATRIARCA [1982]. Em SOBRAL; FERREIRA, [1985], podem obter-se dados sobre o enquadramento jurídico da vida empresarial.

Em BASTIEN [1991] e GAFEPP [1995], capítulo 1 em especial, podem obter-se alguns dados sobre a evolução das empresas públicas em Portugal.

Aula de Exposição nº 12 - AS EMPRESAS TRANSNACIONAIS E AS NOVAS PEQUENAS EMPRESAS

- a) A empresa multinacional: natureza, origens e dinâmica.
- b) Principais países e sectores base das empresas multinacionais.
- c) Tipologia das filiais das empresas multinacionais.
- d) As novas pequenas empresas.
- e) As novas formas organizativas: a adhocracia.
- f) As novas formas de organização do trabalho e de gestão.
- g) Panorama da actual estrutura empresarial portuguesa.

Observações:

O objectivo fundamental desta aula é o de introduzir a problemática das formas de empresa mais importantes e dinâmicas da economia mundial na sua actual fase de evolução, designadamente as multinacionais de primeira e de segunda gerações e, bem assim, as novas pequenas empresas, flexíveis e dinâmicas, dependentes ou não de multinacionais.

Para uma panorâmica das teorias económicas disponíveis sobre a empresa multinacional veja-se BUENO CAMPOS *et al.* [1992], capítulos 42 e 43, e, mais desenvolvidamente, CASSON [1987], capítulos 1 e 2. Sobre a emergência histórica deste tipo de empresas veja-se CHANDLER [1989] e JONES [1993] e sobre as suas fases de desenvolvimento ADLER; GHADAR [1990]. Sobre a relação desta empresas com economias menos desenvolvidas veja-se COLMAN e NIXSON [1994], capítulo 10 e, numa perspectiva marxista, HYMER [1977]. Para uma tipologia das filiais das empresas multinacionais, aliás criada com a preocupação de adequação ao caso português, veja-se SIMÕES [1989], SIMÕES; CRISTÓVÃO [1982] e em geral sobre a presença e natureza dessas filiais em Portugal veja-se MARTINS [1976].

Sobre o estatuto jurídico deste tipo de empresas veja-se RIBEIRO [1995].

Sobre as novas pequenas empresas veja-se LOVEMAN e SENGENBERGER [1990], em especial o capítulo 1, e ainda DRUCKER [1993], capítulo 33. No que respeita a formas de organização e de gestão emergentes no seio, deste tipo de empresas, veja-se KOVÁCS [1989] e MINTZBERG [1995], capítulo 21. Uma referência directa ao caso português pode ver-se em PORTER [1994], capítulos 1 e 4 em especial e, para uma visão global da actual fase evolutiva da estrutura empresarial portuguesa e da gestão veja-se, respectivamente, IAPMEI [1995] e SÁ; MENDES [1995].

5.2. Aulas Práticas

O conjunto de cinco aulas práticas que a seguir se apresenta respeita a alguns tópicos importantes do programa da disciplina mas deixa naturalmente de lado muito outros, pelo que é de admitir que em cada ano lectivo possa haver uma significativa alteração da lista de temas e planos que o compõem. Tópicos como a teoria do empresário, a empresa pré-moderna, a evolução dos estatutos jurídicos das empresas, fusões e aquisições de empresas, as filiais de empresas multinacionais, as concepções predominantes na área da gestão, a empresa cooperativa ou a empresa pública, por exemplo, podem vir a constituir tema de outras tantas aulas práticas.

Para os cinco temas por ora seleccionados propõem-se textos e algumas orientações. A saber:

Aula Prática nº 1 - O ESTATUTO TEÓRICO DA HISTÓRIA EMPRESARIAL

Textos:

- a) VALDALISO [1993].
- b) COLL MARTIN [1991] e [1993].
- c) TORTELLA [1993].
- c) SAPELLI [1996].
- d) KULA [1977] (capítulo 6).

Observações:

O objectivo fundamental desta aula é o de confrontar diversos tipos de posições sobre o modo de fazer história empresarial: posições tradicionais que acentuam a importância da investigação empírica e do trabalho de arquivo, com claro menosprezo da intervenção da teoria económica (J. Valdaliso), posições que, pelo contrário, sublinham a importância da teoria económica na condução da investigação (Coll e Tortella), posições que sustentam um ecletismo teórico em obediência ao ideal de uma “história total” da empresa (Sapelli), e posições que advogam uma posição igualmente globalizante, embora de raiz marxista, e sublinham a historicidade da teoria económica mobilizável para a análise (Kula).

Aula Prática nº 2 - OS DIVERSOS PARADIGMAS DA HISTÓRIA EMPRESARIAL

Textos:

- a) GUIMARÃES [1976] (capítulo 4).
- b) BAROSA [1995].
- c) TORRES VILLANUEVA [1993].
- d) NOGUCHI [1979].
- e) NADAL e RIBAS [1992].

Observações:

O objectivo fundamental desta aula é o de confrontar quatro das principais formas de fazer história empresarial, não através da discussão epistemológica e metodológica - como em certa medida ocorre na aula prática nº 1 - mas através do contacto com textos que expressam aplicações práticas dessas mesmas epistemologias e metodologias e que evidenciam as forças e fraquezas próprias de cada perspectiva. Tem-se assim um texto ilustrativo do que designámos por história empresarial “evenementielle” (Guimarães), um texto que expressa uma aplicação directa da micro-economia neoclássica (Barosa), um texto representativo da aplicação da teoria dos custos de transacção (Torres Villanueva), um texto que releva de uma problemática marxista (Noguchi) e, finalmente um texto que de alguma forma evidencia os pontos de vista da escola dos *Annales* (Nadal e Ribas).

Aula Prática nº 3 - A EVOLUÇÃO ESTRUTURAL E A EMERGÊNCIA DO CAPITALISMO “MANAGERIAL”: O CASO DE EMPRESAS FERROVIÁRIAS.

Textos:

- a) CHANDLER [1977] (capítulos 3 a 5).
- b) VIDAL OLIVARES [1996].
- c) CARON [1973].
- d) MATA [1992].

Observações:

O objectivo fundamental desta aula é o de abordar a evolução estrutural das empresas e eventuais tendências, ainda que ténues, de formação de um capitalismo “managerial” comparando situações relativas a quatro casos nacionais.

O texto de Chandler constitui uma referência clássica sobre a emergência do capitalismo “managerial” nos Estados Unidos, designadamente no que se reporta às empresas ferroviárias pioneiras nesse processo. O de Caron sugere um movimento semelhante em França. O estudo de Vidal Olivares sugere que algo de semelhante se terá também passado num país semi-periférico como a Espanha. O de Mata revela em parte as formas organizativas encontradas por empresas de menor dimensão numa economia nacional também ela de menor dimensão, as quais se sentem tentadas a improvisar um corpo administrativo seguindo de alguma forma, de modo atenuado, a tendência internacional.

Aula Prática nº 4 - GRUPOS EMPRESARIAIS EM PORTUGAL

Textos:

- a) MÓNICA [1990] (entrevista J. M. Mello).
- b) SANTOS [1977].
- c) GONÇALVES [1991].
- d) FORTUNATO [1993].
- e) MENDONÇA; FERNANDES [1990].

Observações:

O objectivo fundamental desta aula é o de discutir a emergência de grupos empresariais e suas condições de organização e funcionamento na economia portuguesa.

O texto de Mónica fornece algumas indicações sobre a cronologia e o modo de constituição de um dos grupos mais importantes; o texto de Ramos permite uma visão da dimensão desses grupos; o de Gonçalves permite uma aproximação indirecta à formação de uma tecnoestrutura no âmbito desses mesmos grupos; o de Fortunato, pelo seu lado, permite uma visão da reemergência e uma comparação, com os novos (ou renovados) grupos nos anos 80. O texto de Mendonça e Fernandes, embora publicado numa revista não-científica, proporciona algumas informações relevantes acerca da relação entre a propriedade e o controlo, que no âmbito de uma economia capitalista semi-periférica como a portuguesa parece colocar-se de um modo diverso do que é habitualmente suposto na literatura da especialidade.

Aula Prática nº 5 - AS EMPRESAS E O SISTEMA POLÍTICO

Textos:

- a) BASTIEN [1991].
- b) REIS [1995].
- c) MÓNICA [1992].
- d) BRITO [1986].
- e) RODRIGUES [1994].
- f) PORTER [1994] (capítulo 5).

Observações:

O objectivo fundamental desta aula é o de permitir uma reflexão sobre o modo como algumas empresas se relacionaram com um dado fundamental do seu ambiente externo - o poder político - e o modo como essa relação afectou a história das próprias empresas.

O texto de Bastien fornece alguns dados sobre o “estatuto real” de uma empresa pública. O de Reis descreve uma situação de dependência de sociedades em relação ao estado oitocentista e de como um “ambiente organizativo perverso” pode desviar a função empresarial para actividades especulativas e quiçá destrutivas. Os textos de Brito e Rodrigues ilustram o modo como o “normal” processo de inovação e de crescimento da empresa e da própria função do empresário foi drasticamente limitado no contexto do Estado Novo. Finalmente, o de Porter ilustra uma visão relativa a uma eventual reordenação das relações entre o sistema político e as empresas.

Haverá sempre uma estreita relação entre as aulas de exposição e as aulas práticas, de modo a que estas surjam imediatamente após a exposição teórica das matérias com que se relacionam. Assim, tendo em atenção os temas e planos das cinco aulas práticas acima enunciadas tem-se que a aula prática nº 1, relativa ao estatuto teórico da história empresarial, ocorrerá entre as aulas de exposição nº 2 e nº 3; que a aula prática nº 2, relativa aos diversos paradigmas presentes no campo da história empresarial, ocorrerá entre as aulas de exposição nº 3 e nº 4; que a aula prática nº 3, relativa à emergência do capitalismo “managerial”, ocorrerá imediatamente após a aula de exposição nº 10; que a aula prática nº 4, relativa aos grupos empresariais, ocorrerá imediatamente após a aula prática nº 3 antecedendo a aula de exposição nº 11; que, finalmente, a aula prática nº 5,

relativa à relação das empresas com o sistema político, ocorrerá entre as aulas de exposição nº 11 e nº 12.

6. BIBLIOGRAFIA

O conjunto de referências bibliográficas que ora se apresenta foi construído em ordem a cumprir três objectivos fundamentais:

- facilitar o acesso a textos que se reportam às questões teóricas e metodológicas fundamentais bem como a obras de referência da disciplina;
- facilitar o acesso aos momentos mais importantes da investigação aplicada relativa o caso português;
- facilitar o acesso às referências mais significativas da investigação aplicada em áreas afins da história empresarial e que lhe fornecem elementos informativos essenciais.

Esta bibliografia compõe-se assim de três secções correspondentes aos objectivos enunciados.

Uma secção 1, com a qual se pretende proporcionar aos alunos o acesso a noções operatórias da disciplina, designadamente a noções oriundas de diversas correntes da teoria económica, das ciências da gestão, da sociologia da empresa, do direito comercial. A inexistência de um manual da especialidade onde tais noções, e as diversas metodologias, sejam apresentadas de forma condensada explica a relativamente grande extensão desta secção da bibliografia.

Uma secção 2, com a qual se pretende proporcionar aos alunos um panorama da investigação já realizada. Esta secção não pretende ser uma listagem exhaustiva dos estudos relativos à história empresarial portuguesa mas antes constituir uma indicação selectiva do que de mais importante foi realizado nos últimos anos neste campo. Há uma óbvia preferência pelas referências respeitantes à investigação desenvolvida no âmbito universitário, muito embora nelas figurem também referências relativas a outro tipo de trabalhos, sempre que os resultados alcançados o justifiquem. Há também uma clara preferência pelas referências relativas à história de unidades produtivas dos dois últimos séculos, pois, como já foi sublinhado, é esse o horizonte temporal em que a disciplina se move. Assim, as referências relativas a unidades de produção pré-modernas assumem uma função sobretudo ilustrativa.

Há também momentos em que esta secção da bibliografia supõe uma interpretação algo lata do conceito de "história empresarial". Com efeito, incluem-se nela algumas referências ilustrativas de organizações de carácter não empresarial, embora com relação próxima com a vida empresarial, e bem assim de estudos que caem no âmbito de disciplinas como sejam a economia industrial ou a sociologia da empresa e dos empresários, por exemplo. Isso ocorre sempre que, na inexistência de estudos de natureza histórica, eles fornecem informações relevantes para o enquadramento da história empresarial, funcionando como uma espécie de referências sucedâneas.

Na secção 3 procura-se fornecer informação sobre estudos, tanto quanto possível abrangentes, relativos a áreas exteriores mas afins da história empresarial, designadamente de história económica geral de Portugal, de arqueologia industrial, de história das técnicas. Mais uma vez, essa indicação selectiva de referências justifica-se por estas serem susceptíveis de fornecer informações importantes para a história empresarial.

É claro que, de acordo com as linhas orientadoras do programa da disciplina, a esmagadora maioria das referências constantes desta bibliografia diz respeito a trabalhos relativos à história de empresas portuguesas. A inclusão de algumas referências relativas a estudos aplicados de casos que não o português, designadamente na secção 1.2., deve-se ao facto de se tratar de referências fundamentais da disciplina e mesmo de estudos exemplares que de alguma forma apontam vias a seguir pela história empresarial portuguesa, ainda quando se reportem a fenómenos e a tendências de evolução que apenas ao de leve tocaram ou tocam o tecido empresarial português.

Note-se também que só por excepção se incluem nesta bibliografia obras cuja data de publicação é anterior a 1980. A história empresarial é uma disciplina de desenvolvimento recente entre nós, pelo que são relativamente raros os estudos publicados até aquela data que denotam uma clara preocupação de rigor científico. Há evidentemente uma grande quantidade de textos publicados ao longo de décadas que de uma forma ou de outra se reportam à história de empresas e empresários portugueses. No entanto, como já se notou no sub-capítulo 2.3. deste relatório, muitos desses textos denotam uma natureza meramente descritiva ou uma intenção apologética e propagandística que lhes retira grande parte do eventual interesse científico, pelo que só excepcionalmente - quando ainda assim contêm informações particularmente relevantes para a disciplina - foram aqui considerados.

Note-se adicionalmente que esta bibliografia resulta relativamente extensa, não devendo, até por essa razão, ser tomada como constituindo um conjunto de

leituras recomendadas ou “obrigatórias”. Ao contrário, a intenção que presidiu à sua construção foi a de fornecer um panorama geral das referências do campo, de forma a que cada aluno possa aceder facilmente às diversas teorias e metodologias utilizadas na disciplina e ao essencial da investigação já realizada, designadamente se, no âmbito da “História Empresarial - II”, pretender avançar pela via da pesquisa nesta área disciplinar.

As leituras recomendadas a propósito de cada um dos tópicos que integram o programa da disciplina serão objecto de indicação em cada uma das aulas de exposição e práticas, conforme se concluirá das observações anexas a cada um dos sumários que compõem o capítulo 5 deste relatório.

Refira-se por último que, tendo em consideração os diversos aspectos mencionados ao longo deste capítulo, a bibliografia de “História Empresarial - I” está ordenada de acordo com a seguinte classificação:

1. Obras de referência

- 1.1. Aspectos teóricos e metodológicos
- 1.2. História empresarial em geral
- 1.3. História da gestão em geral

2. História empresarial portuguesa

- 2.1. Unidades produtivas pré-modernas
- 2.2. Empresas privadas
- 2.3. Grupos empresariais
- 2.4. Empresas multinacionais
- 2.5. Empresas públicas
- 2.6. Cooperativas, mutualidades e empresas auto-geridas
- 2.7. Estrutura empresarial portuguesa em geral.

3. História de áreas afins

- 3.1. História económica portuguesa com relevância para a história empresarial
- 3.2. Organizações económicas não tipicamente empresariais
- 3.3. História de empresários
- 3.4. História da gestão
- 3.5. História das relações de trabalho
- 3.6. História das técnicas
- 3.7. História jurídica

BIBLIOGRAFIA

1. Obras de referência

1.1. Aspectos teóricos e metodológicos

- BARANGER, P; HELFER, J. P.; BRUSLERIE, H. de la; ORSONI, J.; PERETTI, J. M. [1990], *Gestão - as funções da empresa*, Lisboa.
- BELTRAN, Alain; GRISET, Pascal [1990], *Histoire des techniques au XIX et XX siecles*, Paris.
- EGGERTSSON, Thraínn [1992], *Economic behavior and institutions*, Cambridge.
- FRAILE, Pedro [1993], *La historia economica de la empresa como disciplina independiente: una perspectiva histórica*, in Revista de História Económica, nº 11(1).
- GALGANO, Francesco [1980], *História do direito comercial*, Lisboa.
- GARCIA RUIZ, José Luis [1994], *História economica de la empresa*, Madrid.
- LOPES, Albino; RETO, Luís [1989], *Cultura de empresa - moda, metáfora ou paradigma ?*, Lisboa.
- LYDALL, Harold [1992], *The entrepreneurial factor in economic growth*, Houndmills.
- MENDES, José M. Amado [1992], *A história na empresa e a empresa na história*, in AAVV, Estudos em Homenagem a Jorge Borges de Macedo, Lisboa.
- MINTZBERG, Henry [1995], *Estrutura e dinâmica das organizações*, Lisboa.
- MOSCHANDREAS, Maria [1994], *Business economics*, London.
- PIORE, Michael J.; SABEL, Charles F. [s/d], *The second industrial divide*, s/l.
- PUTTERMAN, Louis; KROSZNER, Randall S. [1996], *The economic nature of the firm - a reader*, Cambridge.
- WILLIAMSON, Oliver E. [1985], *The economics institutions of capitalism*, New York.
- WILLIAMSON, Oliver E. [1983], *Markets and hierarchies*, New York and London.
- #### 1.2. História empresarial em geral
- CAVACIOCCHI, Simonetta [1991], *L'impresa, industria, commercio, banca (secc. XIII-XVIII)*, Firenze.
- CHANDLER Jr., Alfred D. [1977], *The visible hand*, Cambridge.
- CHANDLER Jr., Alfred D. [1962], *Strategy and Structure - Chapters in the history of industrial enterprise*, Cambridge.

CHANDLER Jr., Alfred D. [1990], *Scale and scope - the dynamics of industrial capitalism*, Cambridge.

CHANDLER Jr., Alfred D.; DAEMS, Herman [1994], *Hierarquias de Gestão*, Lisboa.

HAMON, Maurice; TORRES, Felix [1987], *Memoir d'avenir - l'histoire dans l'entreprise*, Paris.

POLLARD, Sidney [1993], *The genesis of modern management*, Hampshire.

TEICHOVA, Alice; LEBOYER, Maurice Levy [1989], *Multinational entreprise in historical perspective*, Cambridge.

1.3. História da gestão em geral

ANSOFF, H. Igor [1991], *Strategic management in a historical perspective*, in International Review of Strategic Management, vol. 2(1).

GEORGE Jr., Claude S. [1972], *The history of management thought*, Englewood Cliffs.

GINGRAS, André [1980], *Les fondements du management dans l'histoire*, Chicoutini.

LODI, João Bosco [1971], *História da Administração*, São Paulo.

2. História empresarial portuguesa

2.1. Unidades produtivas pré-modernas

AMARAL, Luis Carlos [1994], *São Salvador de Grijó na segunda metade do século XIV - estudo de gestão agrária*, Lisboa.

CARREIRA, António [1983], *As companhias pombalinas de Grão Pará e Maranhão e Pernambuco e Paraíba*, Lisboa.

COSTA, Maria Leonor F. [1995], *Aspectos empresariais da construção naval no século XVI: o caso da Ribeira das Naus de Lisboa* [comunicação apresentada ao 15º Encontro da Associação Portuguesa de História Económica e Social], Évora (dactilografado).

MACEDO, Jorge Borges de [1971], *Companhias comerciais*, in Joel Serrão, Dicionário de História de Portugal, vol. 1, Lisboa.

SOUSA, João Silva de [1991], *A casa senhorial do Infante D. Henrique*, Lisboa.

2.2. Empresas privadas

ABRAGÃO, Frederico de Quadros [1956], *Caminhos de Ferro Portugueses. Esboço da sua história*, vol. 1 [e único], Lisboa.

BANCO BORGES & IRMÃO [1984], *Uma instituição centenária (1884-1984)*, Porto.

- BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO [1993], *O Banco Português do Atlântico - esboço histórico*, Porto.
- BAROSA, José Pedro [1995], *Os Burnay no vidro ou um monopólio que não chegou a existir* [comunicação apresentada ao 15º Encontro da Associação Portuguesa de História Económica e Social], Évora (dactilografado).
- BARROS, Carlos Vitorino da Silva [1969], *Real Fábrica de Vidros da Marinha Grande - II Centenário (1769-1969)*, Lisboa.
- BASTO, João Teodoro Ferreira Pinto [1924], *A Fábrica da Vista Alegre. O Livro do seu Centenário (1824-1924)*, Lisboa.
- CÂMARA, João de Sousa [1968], *Banco Totta-Aliança : 125º aniversário (1843-1968)*, Lisboa.
- CÂMARA, João de Sousa [1985], *História do Banco Fonseca & Burnay*, Lisboa.
- CASANOVAS, Luís E. Elias [1989], *A fábrica de lanifícios de Santa Clara (1926-1955)*, in Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial, I Encontro Nacional sobre o Património Industrial - Actas e Comunicações, vol. 1, Coimbra.
- COSTA, Fernando Marques da [1989], *Mundial Confiança (1913-1988)*, Lisboa.
- CUSTÓDIO, Jorge [1989], *A Real Fábrica de Coína e as origens da indústria vidreira na Marinha Grande (1719-1826)*, in Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial, I Encontro Nacional sobre o Património Industrial - Actas e Comunicações, vol. 1, Coimbra.
- CUSTÓDIO, Jorge, SANTOS, Luísa e PINHEIRO, Elisa C. [1990], *As fábricas de J. Mendes Veiga e sucessores*, Covilhã.
- DIAS, Fátima Sequeira [1995], *A Fábrica de Tabaco Micaelense (1866-1995)*, Ponta Delgada.
- FERREIRA, Jaime [1983], *Subsídios para a história da moagem portuguesa: a Companhia de Moinhos a vapor Ceres, de 1854 a 1860*, no Porto, in Revista de História Económica e Social, nº 12.
- FERREIRA, Jaime A. Couto [1988], *Subsídios para a história da moagem portuguesa: as origens da Sociedade Industrial Aliança*, in AAVV, Estudos e ensaios em homenagem a Vitorino Magalhães Godinho, Lisboa.
- GAMA, António V. M.; FINURAS, Paulo [1993], *Formação para a mudança: experiência interdisciplinar numa média empresa*, in Associação Portuguesa de Sociologia, *Estruturas sociais e desenvolvimento*, vol. 1, Lisboa.
- GUERREIRO, Amaro D. [1964], *Banco Pinto & Sotto Mayor - 50 anos ao serviço da economia nacional*, Lisboa.
- GUIMARÃES, Manuel da Silva [1976], *História de uma fábrica - a Real Fábrica de Fiação de Thomar*, Santarém.
- HENRIQUES, Branca Maria Braga de Macedo Castro [1992], *Para a história da "Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas" (1873-1973)*, in AAVV, Estudos em Homenagem a Jorge Borges de Macedo, Lisboa.

- LAINS, Pedro [1995], *Saving banks in Portuguese banking (1880-1930)* [comunicação apresentada ao 15º Encontro da Associação Portuguesa de História Económica e Social], Évora (dactilografado).
- LOIO, Duarte Sampaio [1994], *Companhia Potuguesa de Fornos Eléctricos - subsídios para a sua história (1917-1967)*, Nelas.
- MARQUES, A. H. Oliveira [1989], *Companhia Geral do Crédito Predial Português: 125 anos de história*, Lisboa.
- MARTINS, Américo, LOURTIE, Fernand e BARACHO, Luísa [1985], *CC [Central de Cervejas] - 50 anos de actividade*, Lisboa.
- MATA, Maria Eugénia [1992], *A Companhia das Obras Públicas de Portugal* [Working Paper nº 186 da Faculdade de Economia / Universidade Nova de Lisboa], Lisboa.
- MENDES, José M. Amado [1992], *Santos Barosa - 100 anos no vidro (1889-1989)*, Marinha Grande.
- PEDREIRA, Jorge Miguel [1991], *Indústria e Negócio: a estamperia da região de Lisboa (1780-1880)*, in Análise Social, nº 112-113.
- POHL, M. (ed.) [1994], *Handbook on the history of European banks*, Aldershot.
- REIS, Jaime [1994], *Natural monopoly and brand differentiation in free banking: Portugal, 1860-1890*, in Paul Klep e Eddy Van Cauwenberghe (ed.), Entrepreneurship and the Transformation of the Economy, - Essays in Honour of Herman Van der Wee, Leuven.
- REIS, Jaime [1995], *"Confiança", "Auxiliar", "União", etc: as novas companhias financeiras, 1838-1846* [comunicação apresentada ao 15º Encontro da Associação Portuguesa de História Económica e Social], Évora.
- RODRIGUES, Manuel Ferreira [1994], *A Metalurgia Casal, 1964-1974 - elementos para uma cultura de empresa*, in Gestão e Desenvolvimento, nº 2.
- RODRIGUES, Manuel Ferreira [1994], *A Fábrica Nacional de Vidros Aveirense (1888-1891)*, in Estudos Aveirenses, nº 3.
- SANTOS, Luísa; CUSTÓDIO, Jorge [1989], *A Real Fábrica de Fiação de Tomar e as primeira geração europeia e americana de fábricas hidráulicas*, in Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial, I Encontro Nacional sobre o Património Industrial - Actas e Comunicações, vol. 2, Coimbra.
- SÉRGIO, Anabela [1994], *O sistema bancário e a expansão da economia portuguesa (1947-1959)*, Lisboa.
- SOUSA, Fernando de [1984], *Banco Borges & Irmão (1884-1894) - uma instituição centenária*, Porto.
- VALÉRIO, Nuno [1984], *A Companhia Confiança Nacional (1844-1846)*, in Revista de História Económica e Social, nº 13.
- VIEIRA, António Lopes [1981], *Investimentos britânicos nos transportes urbanos e suburbanos em Portugal na segunda metade do século XIX - fracasso e sucesso. A Lisbon Steam Tramways Company e a Lisbon Electric Tramways Company*, in Revista de História Económica e Social, nº 7.

VIEIRA, António Lopes [1983], *The role of Britain and France in the finance of portuguese railways 1850-1890: a comparative study in speculation, corruption and inefficiency*, Leicester (dactilografado).



2.3. Grupos empresariais

AMARAL, Isabel M. F. S. P. [1993], *A presença da Companhia União Fabril no contexto industrial português - de 1865 a 1977*, Lisboa (dactilografado).

FORTUNATO, Adelino [1993], *Grupos industriais e nível de desenvolvimento em Portugal*, in Boaventura Sousa Santos (org.), Portugal: um retrato singular, Porto.

MARTINS, Maria Belmira [1976], *As multinacionais em Portugal*, Lisboa.

MARTINS, Maria Belmira [1973], *Sociedades e grupos em Portugal*, Lisboa.

MARTINS, Maria Belmira e ROSA, J. Chaves [1979], *O grupo Estado*, Lisboa.

PINTADO, Miguel R. e MENDONÇA, Álvaro [1989], *Os novos grupos económicos*, Lisboa.

RIBEIRO, Félix, FERNANDES, Lino G. e RAMOS, Maria Manuel C. [1987], *Grande indústria, banca e grupos financeiros (1953-1973)*, in Análise Social, nº 99.

SANTOS, Américo Ramos dos [1977], *Desenvolvimento monopolista em Portugal (fase 1968-1973): estruturas fundamentais*, in Análise Social, nº 49.

2.4. Empresas multinacionais

AFONSO, Isabel [1983], *As empresas com capital estrangeiro: e as empresas nacionais*, in Investimento e Tecnologia, nº2

MARTINS, Maria Belmira [1976], *As multinacionais em Portugal*, Lisboa.

MOREIRA, Sophie [1993], *Le Crédit Lyonnais au Portugal (1893-1993)*, Lisboa.

REMÉDIO, Mário A. Boavida [1982], *Aspectos institucionais da internacionalização da banca portuguesa*, in Banco de Portugal - Boletim Trimestral, vol. 4(1).

SIMÕES, Vitor Corado e CRISTOVÃO [1982], António, *Características e comportamento das maiores empresas industriais com capital estrangeiro: uma análise comparativa*, in Investimento e Tecnologia, nº2.

2.5. Empresas públicas

AMARAL, Isabel M. F. S. P. [1993], *A presença da Companhia União Fabril no contexto industrial português - de 1865 a 1977*, Lisboa (dactilografado).

ANTÓNIO, Arminda, MOTA, A. J. Sousa; CARVALHO, A. M. Rocha [1983], *O sector empresarial do Estado em Portugal e nos países da CEE*, Lisboa.

- BASTIEN, Carlos [1991], *Para a história da Casa da Moeda de Lisboa: aspectos técnicos e organizativos da produção de moeda metálica*, in Estudos de Economia, vol. 12(1).
- BELMIRA, Maria Belmira; ROSA, J. Chaves [1979], *O grupo Estado*, Lisboa.
- BRITO, José Maria Brandão e ROLLO, Fernanda [1995], *Ferreira Dias e a constituição da Companhia Nacional de Electricidade*, [comunicação apresentada ao 15º Encontro da Associação Portuguesa de História Económica e Social], Évora (dactilografado).
- CAMPOS, J. M. Torres [1986], *Empresas públicas*, in Manuela Silva (org.), Portugal contemporâneo - problemas e perspectivas, Lisboa.
- CAPELA, José [s/d], *Subsídios para a história da CUF*, Vila Nova de Gaia.
- FERREIRA, Celso [1980], *As empresas que integram o sector público empresarial*, in Economia e Socialismo, nº 50.
- FONSECA, Henrique Alexandre da [1993], *A Fábrica Nacional de Cordoaria - breve resumo da sua história*, Lisboa.
- HENRIQUES, Renano e HENRIQUES, Tito [1979], *A Companhia das Lezírias - mito ou realidade ?*, Lisboa.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA [1985], *Cinquentenário 1935-1985*, Lisboa.
- MATA, Eugénia e VALÉRIO, Nuno [1982], *O Banco de Portugal, único banco emissor (1891-1931)*, in Revista de História Económica e Social, nº 10.
- NUNES, Ana Bela [1991], *As finanças da Casa da Moeda*, in Estudos de Economia, vol. 12(1).
- PAIXÃO, Braga [1964], *Cem anos do Banco Nacional Ultramarino*, Lisboa.
- PEREIRA, H. Caeiro [1985], *Banco de Portugal - do passado ao presente*, Lisboa.
- PEREIRA, Raúl da Silva [1989], *História da Caixa Geral de Depósitos*, Lisboa (dactilografado).
- PERES, Damião [1971], *História do Banco de Portugal (1821-1846)*, vol. 1, Lisboa.
- PINHO, Ivo [1976], *Sector público empresarial: antes e depois do 11 de Março*, in Análise Social, nº 47.
- VALÉRIO, Nuno; NUNES, Ana Bela; BASTIEN, Carlos; SOUSA, Rita [1992], *A Casa da Moeda (1835-1972)*, Lisboa (dactilografado).
- VALÉRIO, Nuno [1996], *O Banco de Portugal, banco central privado 1931-1974*, Lisboa (no prelo).

2.6. Cooperativas, mutualidades e empresas auto-geridas

- BAPTISTA, Fernando Oliveira [1979], *Sobre a economia das cooperativas e unidades colectivas de produção*, in Economia e Socialismo, nº 41/42.

CALADO, Luís Ferreira [1986], *Cooperativismo*, in Manuela Silva (org.), Portugal contemporâneo - problemas e perspectivas, Lisboa.

CORREIA, José Manuel R. Sérvulo [1970], *O sector cooperativo português - ensaio de uma análise de conjunto*, in Boletim do Ministério da Justiça, nº 196.

NUNES, Ana Bela; BASTIEN, Carlos; VALÉRIO, Nuno [1994], *A Caixa Económica Montepio Geral - 150 anos de história (1844-1994)*, Lisboa.

ROSENDO, Vasco [1990], *Montepio Geral - 150 anos de história (1840 - 1990)*, Lisboa.

2.7. Estrutura empresarial portuguesa em geral

BRANDÃO, António [1993], *Estratégias e estruturas industriais em economias abertas*, Porto.

CASTRO, Armando [1971], *Fábricas*, in Joel Serrão (org.), Dicionário de História de Portugal, vol. 2, Lisboa.

DUARTE, Honorato Cavaco; SILVA, Isabel Brito; GONÇALVES, Manuel [1989], *As principais empresas em Portugal*, Lisboa.

FAUSTINO, Horácio Crespo [1995], *A evolução da concentração industrial em Portugal para o período 1982-1992 e as suas determinantes*, in Estudos de Gestão, vol. 2(3).

GUERREIRO, Maria das Dores [1996], *Famílias na actividade empresarial - PME em Portugal*, Lisboa.

IAPMEI [1995], *A estrutura empresarial portuguesa: Portugal 1993*, Lisboa.

RODRIGUES, Eduardo Ferro, FERNANDES, Lino Gomes [1986], *As PME e o desafio da modernização*, Lisboa.

3. História de áreas afins

3.1. História económica portuguesa com relevância para a história empresarial

CASTRO, Armando [1971], *A revolução industrial em Portugal no século XIX*, Lisboa.

FONSECA, Helder Adegar [1996], *O Alentejo no século XIX - economia e atitudes económicas*, Lisboa.

JUSTINO, David [1988 e 1989], *A formação do espaço económico nacional: Portugal 1810-1913*, Lisboa.

LOUREIRO, João Adolfo [1991], *Economia e sociedade. A indústria no após guerra. Anos 50 e 60*, Lisboa.

MACEDO, Jorge Borges de [1982], *Problemas de história da indústria portuguesa no século XVIII*, Lisboa.

- MATA, Eugénia e VALÉRIO, Nuno [1994], *História económica de Portugal. Uma perspectiva global*, Lisboa.
- MENDES, José M. Amado [1985], *A indústria portuguesa no século XIX*, in Prelo, nº 7.
- MOURA, F. Pereira de [s/d], *Estudo sobre a indústria portuguesa*, Lisboa.
- PEDREIRA, Jorge Miguel Viana [1994], *Estrutura industrial e mercado colonial - Portugal e Brasil (1870-1830)*, Lisboa.
- REIS, Jaime [1982], *Latifúndio e progresso técnico: a difusão da debulha mecânica no Alentejo*, in Análise Social, nº 71.
- SERRÃO, Joel [1979], *Das razões históricas dos fracassos industriais portugueses*, in Memórias da Academia das Ciências de Lisboa (classe Letras), tomo 20.
- SERRÃO, Joel [1981], *Temas Oitocentistas*, vol. 1, Lisboa.

3.2. Organizações económicas não tipicamente empresariais

- BONIFÁCIO, Maria de Fátima [1986], *A Associação Comercial do Porto no contexto político-económico do segundo quartel do século XIX*, in Análise Social, nº 91.
- JUSTINO, David [1994], *História da Bolsa de Lisboa*, Lisboa.
- MASCARENHAS, Manuela [1983], *A criação da Associação Comercial de Coimbra e os primeiros trinta anos de existência (1863-1890)*, in Desenvolvimento Regional, nº 17.

3.3. História de empresários

- BARJOT, Dominique [1994], *Les entrepreneurs français des travaux publics et l'équipement du Portugal: une contribution multiforme (milieu du XIX siècle - milieu des années 1970)*, in Ler História, nº 26.
- CUSTÓDIO, Jorge (coord.) [1994], *Empresariado português - uma abordagem às suas realizações*, Porto.
- FONSECA, Helder A. e REIS, Jaime [1987], *José Maria Eugénio de Almeida, um capitalista da Regeneração*, in Análise Social, nº 99.
- IAPMEI [1986], *O empresário PME - um perfil*, Lisboa.
- MAKLER, Harry Mark [1969], *A "élite" industrial portuguesa*, Lisboa.
- MARTINS, Conceição Andrade [1992], *Opções económicas e influência política de uma família burguesa oitocentista: o caso de São Romão e José Maria dos Santos*, in Análise Social, nº 116/117.
- MATOS, Ana Maria Cardoso de, MARTINS, Maria da Conceição Andrade; BETTENCOURT, Maria de Lurdes [1982], *Um empresário agrícola oitocentista*, in Revista de História Económica e Social, nº 10.

- MATOS, A. C.; MARTINS, M. C. Andrade; BETTENCOURT, M.L. [1982], *Introdução a Senhores da terra. Diário de um agricultor alentejano (1832-1889)*, Lisboa.
- MÓNICA, Maria Filomena [1987], *Capitalistas e industriais (1870-1914)*, in Análise Social, nº 99.
- MÓNICA, Maria Filomena [1990], *Os grandes patrões da indústria portuguesa*, Lisboa.
- PEDREIRA, Jorge Miguel [1988], *O "Génio Empreendedor: espírito de empresa e dificuldades económicas no itinerário de um fabricante português. Custódio Braga (1796-1832)*, in Penélope, nº 1.
- PEDREIRA, Jorge Miguel [1992], *Os negociantes de Lisboa na segunda metade do século XVIII: padrões de recrutamento e percursos sociais*, in Análise Social, nº 116-117.
- SANTOS, Helena Maria de Azevedo Coelho dos [1992], *Um empresário na primeira pessoa: uma ilustração sobre as biografias*, Porto (dactilografado).
- SILVA, Manuela (coord.) [1989], *Empresários e gestores da indústria em Portugal*, Lisboa (dactilografado).
- SOUSA, Fátima Halbritter de [1989], *Para uma abordagem sistémica da classe empresarial portuguesa*, in Economia e Sociedade, nº 1.

3.4. História da gestão

- COSTA, Alfredo Nobre da [1990], *A gestão de empresas em Portugal, anos 60 - anos 90*, in IESF, Portugal: anos 60 - anos 90, Porto.
- DUARTE, Acácio de Calazans [1937], *Os Stephens na indústria vidreira nacional*, Figueira da Foz.
- FERREIRA, José Maria Carvalho [1991], *Novas tecnologias e tendências de mudança organizacional do trabalho em Portugal*, in Organizações e Trabalho, nº 5/6.
- LIMA, Marinús Pires de [1982], *Notas para uma história da organização racional do trabalho em Portugal (1900-1980) - alguns resultados preliminares de uma investigação em curso*, in Análise Social, nº 72/73/74.
- LIMA, Marinús Pires de [1987], *Contribuição para uma história da organização racional do trabalho em Portugal no contexto da economia sob o Estado Novo (1926-1959)*, in AA.VV., O Estado Novo - das origens ao fim da autarcia (1926-1959), vol.1, Lisboa.
- MENDES, Dulce M. J. F. [1993], *O ponto da situação das práticas de planeamento estratégico formal em Portugal*, Lisboa (dactilografado).
- MONIZ, António Brandão [1989], *Mudanças tecnológicas e organizacionais em Portugal: análise das duas últimas décadas*, in Organizações e Trabalho, nº 1.
- PATRIARCA, Fátima [1982], *Taylor no purgatório - o trabalho operário na metalomecânica pesada*, in Análise Social, nº 71.
- SÁ, Jorge Vasconcellos e, MENDES, Dulce Ferreira [1995], *O planeamento em Portugal*, in O Economista, nº 8.

SANTOS, Jesus Nunes [1959], *A estrutura orgânica das empresas de navegação*, in Revista do Gabinete de Estudos Corporativos, nº 37.

VIDAL, Caetano L. Cruz [1984], *O ensino das ciências empresariais em Portugal*, (sep. da Revista de Contabilidade e Comércio), Porto.

3.5. História das relações de trabalho

LIMA, Marinús Pires de [1991], *Relações de trabalho, estratégias sindicais e emprego (1974-1990)*, in Análise Social, nº 114.

LIMA, Marinús Pires de; PIRES, Maria Leonor; ALVES, Paulo [1995], *Transformações das relações laborais em três sectores: os casos das indústrias automóvel, siderúrgica e naval*, in Análise Social, nº 134.

STOLEROFF, Alan D. [1990], *O padrão de relações industriais emergentes em Portugal. Uma abordagem sistémica*, in Organizações e Trabalho, nº 2.

SANTOS, Maria de Lurdes Lima; LIMA, Marinus Pires; FERREIRA, Vitor Matias [1976], *O 25 de Abril e as lutas sociais nas empresas*, Porto.

3.6. História das técnicas

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL [1989], *I Encontro Nacional sobre o Património Industrial - Actas e Comunicações*, Coimbra.

BASTIEN, Carlos [1991], *Para a história da Casa da Moeda de Lisboa: aspectos técnicos e organizativos da produção de moeda metálica*, in Estudos de Economia, vol. 12(1).

CASTRO, Armando [1971], *A revolução industrial em Portugal no século XIX*, Lisboa.

COSTA, António; SILVA, J. Andrade [1987], *Modernização tecnológica na indústria portuguesa*, in Economia e Socialismo, nº 71.

GUERRA, Franklin [1995], *História da engenharia em Portugal*, Porto.

GUIMARÃES, Valeska Nahas [1994], *Informatização da produção: um estudo comparativo de multi-casos nas indústrias metalomecânica, têxtil e electroelectónica de Portugal*, in Organizações e Trabalho, nº 11.

JNICT [1986], *Inquérito ao potencial científico e tecnológico nacional - sector empresas*, Lisboa.

MONIZ, António Brandão [1989], *Modernização da indústria portuguesa: análise de um inquérito sociológico*, in Economia e Sociedade, nº 1.

MONIZ, António Brandão [1989], *Mudanças tecnológicas e organizacionais em Portugal: análise das duas últimas décadas*, in Organizações e Trabalho, nº 1.

MONIZ, António Brandão [1990], *Aplicação de robots em Portugal: contribuição para a análise comparativa de sectores, casos, implicações económicas e sociais*, in Organizações e Trabalho, nº 3/4.

RODRIGUES, J. J. Campos [1983], *Tecnologia e inovação na indústria transformadora portuguesa. Conclusões das entrevistas realizadas junto de 100 empresas industriais*, in CISEP, Evolução recente e perspectivas de transformação da economia portuguesa, vol. 3, Lisboa.

SERRÃO, Joel [1971], *Vapor*, in Joel Serrão (org.), Dicionário de História de Portugal, vol. 4, Lisboa.

3.7. História jurídica

ANTUNES, José Augusto Q. L. Engrácia [1993], *Os grupos de sociedades: estrutura e organização jurídica da empresa plurissocietária*, Coimbra.

CARNAXIDE, Visconde de [1913], *Sociedades anónimas - estudo teórico e prático do direito interno e comparado*, Coimbra.

CARREIRA, António [1983], *As companhias pombalinas de Grão Pará e Maranhão e Pernambuco e Paraíba*, Lisboa.

CARREIRA, Medina [1992], *Concentração de empresas e grupos de sociedades - aspectos históricos, económicos e jurídicos*, Porto.

FRANCO, A. Sousa; MARTINS, Guilherme d'Oliveira [1993], *A Constituição Económica Portuguesa. Ensaio interpretativo*, Coimbra.

SOBRAL, M. R. Rebordão Sobral; FERREIRA, J. E. Pinto [1985], *Da livre concorrência à defesa da concorrência. História e conceitos base da legislação de defesa da concorrência*, Porto.

7. AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTOS

Muito embora o momento fulcral da avaliação dos alunos de um curso de mestrado deva residir, em nossa opinião, na discussão pública da respectiva tese, é desejável, e talvez mesmo imprescindível, que outros momentos especificamente dedicados à avaliação dos conhecimentos adquiridos na parte lectiva, e em cada uma das disciplinas que a compõem, sejam fixados, porque essa avaliação permitirá aos alunos, ao próprio docente e aos responsáveis do curso, aferir atempadamente a eficiência do trabalho realizado e introduzir eventuais correções que essa aferição venha a revelar necessárias.

A disciplina de "História Empresarial - I" não foge naturalmente aos condicionalismos acima indicados e, nesse sentido, deverá também ela dispor de um conjunto de procedimentos conducentes à avaliação tão rigorosa quanto possível dos métodos de trabalho utilizados e dos conhecimentos transmitidos e adquiridos.

Deve no entanto ter-se presente que num ambiente em que se apela à participação activa dos alunos em quase 2/5 das aulas, em que se procura transmitir saberes especializados e não compendiados, em que se procura dar conta dos resultados de ponta da investigação em curso nesta área disciplinar e preparar as condições para a produção de novos saberes, em que se apela à capacidade de discutir ideias, parece ajustado que o tradicional teste escrito ou exame final seja complementado por outros momentos e métodos de avaliação de conhecimentos.

Deste modo, e tendo em conta que a brevidade do curso e o relativamente elevado número de disciplinas impede que se exija aos alunos a realização de relatórios escritos de investigação, propõe-se que a avaliação de conhecimentos se baseie em:

- participação nas aulas práticas;
- teste escrito individual.

A participação activa nas aulas práticas reporta-se essencialmente à discussão dos textos previamente seleccionados pelo docente para cada uma dessas aulas sendo a intervenção de cada um dos alunos julgada e classificada pelo docente em função da capacidade revelada por aqueles para identificar e sintetizar os aspectos fundamentais dos referidos textos, as teses sustentadas, os sistemas conceituais e metodologias utilizados, e, de um modo geral, para os relacionar com as informações fornecidas nas aulas de exposição. Será ainda tida em conta a segurança revelada na resposta às questões colocadas ao longo da discussão. Outras intervenções não programadas na aula deverão igualmente, se

meritórias, ser levadas em consideração na classificação a atribuir nesta etapa da avaliação de conhecimentos.

O segundo momento de avaliação consiste na realização de um teste escrito individual sobre a totalidade das matérias que compõem o programa da disciplina e visa naturalmente aferir o nível de apreensão da generalidade dos tópicos do citado programa, independentemente do seu tratamento ou não nas aulas práticas.


A classificação final a atribuir a cada aluno será a correspondente à média aritmética ponderada das classificações obtidas em cada um dos dois momentos de avaliação indicados. O coeficiente de ponderação da nota atribuída à participação nas aulas práticas será de 0,3 e o coeficiente de ponderação da nota atribuída ao teste final será de 0,7.

8. REFERÊNCIAS

- ABENDROTH, Wolfgang [1973], *Histoire du mouvement ouvrier en Europe*, Paris.
- ADLER, Nancy J.; GHADAR, Fariborz [1990], *International strategy from the perspective of people and culture: the north american context*, in RUGMAN.
- ALMEIDA, Luís Ferrand de [1980], *A fábrica de vidros da Marinha Grande em 1774*, in Revista Portuguesa de História, t. 18.
- AMARAL, Luis Carlos [1994], *São Salvador de Grijó na segunda metade do século XIV - estudo de gestão agrária*, Lisboa.
- ANTUNES, José Augusto Q. L. Engrácia [1993], *Os grupos de sociedades: estrutura e organização jurídica da empresa plurissocietária*, Coimbra.
- ARESTIS, Philp; SAWYER, Malcolm [1994], *The Elgar Companion to radical political economy*, Aldershot.
- BATSCH, Laurent [1993], *La croissance des groupes industriels*, Paris.
- BATH, B. H. Slicher van [1977], *Agriculture in the vital revolution*, in RICH; WILSON.
- BARANGER, P; HELFER, J. P.; BRUSLERIE, H. de la; ORSONI, J.; PERETTI, J. M. [1990], *Gestão - as funções da empresa*, Lisboa.
- BAROSA, José Pedro [1995], *Os Burnay no vidro ou um monopólio que não chegou a existir* [comunicação apresentada ao 15º Encontro da Associação Portuguesa de História Económica e Social], Évora (dactilografado).
- BASTIEN, Carlos [1991], *Para a história da Casa da Moeda de Lisboa: aspectos técnicos e organizativos da produção de moeda metálica*, in Estudos de Economia, vol. 12(1).
- BERTAUX, Daniel [1978], *Destinos pessoais e estrutura de classe*, Lisboa.
- BOWLES, Samuel [1985], *The production process in a competitive economy: Walrasian, neo-Hobbesian, and Marxian models*, in American Economic Review, vol. 75(1).
- BRITO, José Maria Brandão de [1986], *Condicionamento industrial: o processo da fábrica de pneus Alter - um caso exemplar ?*, in Estudos de Economia, vol. 6(4).
- BUENO CAMPOS, Eduardo; CRUZ ROCHE, Ignacio; DURAN HERRERA, Juan José [1992], *Economía de la empresa - análisis de las decisiones empresariales*, Madrid.
- CARNAXIDE, Visconde de [1913], *Sociedades anónimas - estudo teórico e prático do direito interno e comparado*, Coimbra.
- CARON, François [1973], *Histoire de l'exploitation d'un grand réseau: la Compagnie du chemin de fer du Nor (1846-1937)*, Paris / La Haye.
- CARREIRA, António [1983], *As companhias pombalinas de Grão Pará e Maranhão e Pernambuco e Paraíba*, Lisboa.
- CASSON, Mark [1982], *The entrepreneur*, Oxford.

- CASSON, Mark [1987], *The firm and the market*, Oxford.
- CAVACIOCCHI, Simonetta [1991], *L'impresa industria, commercio, banca (secc. XIII-XVIII)*, Firenze.
- CEDEP [1977], *Empresas multinacionais e internacionalização do capital*, Lisboa.
- CHANDLER Jr., Alfred D. [1977], *The visible hand*, Cambridge.
- CHANDLER Jr., Alfred D. [1984], *The emergence of managerial capitalism*, in Business History Review, vol. 58.
- CHANDLER Jr., Alfred D. [1989], *Technological and organizational underpinnings of modern industrial multinational enterprise: the dynamics of competitive advantage*, in TEICHOVA; LÉVY-LEBOYER; NUSSBAUM.
- CHANDLER Jr., Alfred D.; DAEMS, Herman [1994], *Hierarquias de Gestão*, Lisboa.
- CHIAVENATO, Idalberto [1994], *Administração - teoria, processo e prática*, Rio de Janeiro.
- COLL MARTIN, Sebastian [1991], *Empresas versus mercados. Un buceto para una historia de la empresa*, in Revista de Historia Economica, vol. 9(2 e 3).
- COLL MARTIN, Sebastian [1993], *El professor Valdaliso a vueltas con la historia de la empresa*, in Revista de Historia Economica, vol. 11(3).
- COLMAN, David; NIXSON, Frederick [1994], *Economics of change in less developed countries*, New York.
- COMÍN, Francisco; MARTÍN ACEÑA, Pablo [1996], *La empresa en la historia de España*, Madrid.
- COSTA [1996], Mário Júlio de Almeida, *História do direito português*, Coimbra.
- DAVIET, Jean-Pierre [1990], *Anciens et nouveaux visages de la business history*, in LEQUIN e VANDECASTEELE.
- DRUCKER, Peter F. [1993], *Gerindo para o futuro*, Lisboa.
- DYER, Gibb W. [1988], *Culture and continuity in family firms*, in Family Business Review, vol. 1(1).
- EGGERTSSON, Thraínn [1992], *Economic behavior and institutions*, Cambridge.
- FONSECA, Helder Adegar [1996], *O Alentejo no século XIX. Economia e atitudes económicas*, Lisboa.
- FORTUNATO, Adelino [1993], *Grupos industriais e nível de desenvolvimento em Portugal*, in SANTOS.
- FRAILE, Pedro [1993], *La historia económica de la empresa como disciplina independiente: una perspectiva histórica*, in Revista de História Económica, vol. 11(1).
- FRIDENSON, Patrick [1989], *Les organisations, un nouvel objet*, in Annales ESC, nº 6.
- GAFEEP [1995], *Privatizações em Portugal*, Lisboa.
- GALBRAITH, John K. [1989], *O novo estado industrial*, Lisboa.

- GALGANO, Francesco [1980], *História do direito comercial*, Lisboa.
- GEORGES Jr., Claude S. [1972], *The history of management thought*, Englewood Cliffs.
- GILLES, Bertrand [1978], *Histoire des techniques*, Paris.
- GODINHO, Vitorino Magalhães [1975], *A estrutura da antiga sociedade portuguesa*, Lisboa.
- GONÇALVES, Carlos M. [1991], *A construção social dos quadros nos anos 60: algumas perspectivas de análise*, in Sociologia, nº1.
- GORZ, André *et al.* [1976], *Divisão social do trabalho e modo de produção capitalista*, Lisboa.
- GUIMARÃES, Manuel da Silva [1976], *História de uma fábrica - a Real Fábrica de Fiação de Thomar*, Santarém.
- HABAKKUK, H. J.; POSTAN, M. [1966], *The Cambridge Economic History of Europe*, vol. 5, Cambridge.
- HAMON, Maurice; TORRES, Félix [1987], *Mémoire d'avenir - l'histoire dans l'entreprise*, Paris.
- HENRI, Daniel [1988], *Capitalisme familiale et gestion industrielle au XIX siècle*, in Revue Française de Gestion, Set. 1988.
- HOLMSTROM, Bengt R.; TIROLE, Jean [1989], *The theory of the firm*, in SCHMALENSEE e WILLIG.
- HYMER, Stephen [1977], *A internacionalização do capital*, in CEDEP.
- IAPMEI [1995], *A estrutura empresarial portuguesa - Portugal 1993*, Lisboa.
- JIMÉNEZ JIMÉNEZ, J. C. (org.) [1993], *Empresas y empresarios españoles en la encrucijada de los noventa*, Madrid.
- JONES, Geoffrey [1993], *Transnational corporations: a historical perspective*, London and New York.
- KELLENBENZ, Hermann [1977], *The organization of industrial production*, in RICH; WILSON.
- KOVÁCS, Ilona [1989], *Tendências de transformação tecnológica e organizacional nas empresas: a emergência de novos sistemas produtivos*, in Revista do Centro de Estudos "Economia e Sociedade", nº 1.
- KULA, Witold [1977], *Problemas y métodos de la historia económica*, Barcelona.
- LANDES, David S. [1966], *Technological change and development in Western Europe (1750-1914)*, in HABAKKUK; POSTAN.
- LEQUIN, Yves; VANDECASTEELE, Sylvie [1990], *L'usine et le bureau - itinéraires sociaux et professionnels dans l'entreprise XIX et XX siècles*, Lyon.
- LESPAGNOL, André [1991], *L'entreprise d'Etat*, in CAVACIOCCHI.

- 
- LOVEMAN e SENGENBERGER [1990], *Introduction - economic and social reorganisation in the small and medium-sized enterprise sector*, in SENGENBERGER; LOVEMAN; PIORE.
- LARANJO, José Frederico [s/d], *Princípios de economia política*, Coimbra.
- LOIO, Duarte Sampaio [1994], *Companhia Potuguesa de Fornos Eléctricos - subsídios para a sua história (1917-1967)*, Nelas.
- LOPES, Albino; RETO, Luis [1989], *Cultura de empresa - moda, metáfora ou paradigma ?*, Lisboa.
- LOPES, José da Silva [1996], *A economia portuguesa desde 1960*, Lisboa.
- LUCAS MARIN [1992], António, *Sociologia de la empresa*, Madrid.
- MARGINSON, Paul [1994], *Firms and corporations*, in ARESTIS e SAWYER.
- MARGLIN [1976], *Origens e funções do parcelamento das tarefas - para que servem os padrões ?*, in GORZ et al.
- MARQUES, Alfredo [1980], *La politique économique portugaise dans la période de la dictature (1926-1974)*, Grenoble (dactilografado).
- MARTINS, Maria Belmira [1976] *As multinacionais em Portugal*, Lisboa.
- MATA, Maria Eugénia [1988], *As três fases do fontismo: projectos e realizações*, in Estudos e ensaios - em homenagem a Vitorino Magalhães Godinho, Lisboa.
- MATA, Maria Eugénia [1992], *A Companhia das Obras Públicas de Portugal*, Working Paper n° 186 da Faculdade de Economia / Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- MENDES, José M. Amado [1992], *Cultura de empresa: uma nova dinâmica organizacional*, in Gestão e Desenvolvimento, n° 1.
- MENDES, José M. Amado [1985], *A indústria portuguesa no século XIX*, in Prelo, n° 7.
- MENDONÇA, Álvaro; FERNANDES, Filipe [1990], *O que mudou no jogo das bolsas*, in Exame, n° 18.
- MILLER, Danny; FRIESEN, Peter H. [1984], *A longitudinal study of the corporate life cycle*, in Management Science, vol. 30(10).
- MINTZBERG, Henry [1995], *Estrutura e dinâmica das organizações*, Lisboa.
- MÓNICA, Maria Filomena [1987], *Capitalistas e industriais (1870-1914)*, in Análise Social, n° 99.
- MÓNICA, Maria Filomena [1990], *Os grandes patrões da indústria portuguesa*, Lisboa.
- MÓNICA, Maria Filomena [1992], *Negócios e política: os tabacos (1800-1890)*, in Análise Social, n° 116-117.
- MONTMORILLON, Bernard de [1986], *Les groupes industriels - analyse structurelle et strategique*, Paris.
- MOSCHANDREAS, Maria [1994], *Business economics*, London.

- MOURA, Francisco Pereira de [1969], *Por onde vai a economia portuguesa ?*, Lisboa.
- NADAL, Jordi [1992], *Moler, tejer y fundir - estudios de historia industrial*, Barcelona.
- NADAL e RIBAS [1992], *Una empresa algodoneira catalana: la fabrica de la rambla, de Vilanova, 1841-1861*, in NADAL.
- NEVES, João L. César das [1993], *Dos motores de crescimento*, in Estudos de Economia, vol. 14(1).
- NOGUCHI, Tasuku [1979], *The formation of the Japanese zaibatsu - the political merchant in the original accumulation of capital*, in Keio Business Review, nº16.
- NUNES, A. Avelãs [1973], *Os sistemas económicos*, Coimbra.
- NUNES, Ana Bela [1993], *Education and economic growth in Portugal: a simple regression approach*, in Estudos de Economia, vol. 13(2).
- NUNES, Ana Bela; MATA, Eugénia; VALÉRIO, Nuno [1989], *Portuguese economic growth 1833-1985*, in The Journal of European Economic History, vol.18(2).
- NUNES, Ana Bela; BASTIEN, Carlos; VALÉRIO, Nuno [1994], *A Caixa Económica Montepio Geral - 150 anos de história (1844-1994)*, Lisboa.
- OKOCHI, A.; YASUOKA, S. [1984], *Family business in the era of industrial growth*, Tokyo.
- OLAIO, Nuno Miguel; MOREIRA, Álvaro Brito [1995], *Fábrica de fiação do rio Vizela*, Santo Tirso.
- PATRIARCA, Fátima [1982], *Taylor no purgatório - o trabalho operário na metalomecânica pesada*, in Análise Social, nº 71.
- PEDREIRA, Jorge Miguel [1992], *Obstáculos a la industrialización de Portugal en el siglo XIX*, in Revista de Historia Industrial, nº 2.
- PEREIRA, A. Ramos [1954], *A mobilização dos capitais nas estruturas subdesenvolvidas*, in Revista de Economia, vol. 7(4).
- PEREIRA, Miriam Halpern [1971], *Livre-câmbio e desenvolvimento económico. Portugal na segunda metade do século XIX*, Lisboa.
- PINTADO, Miguel Rodrigues; MENDONÇA, Álvaro [1989], *Os novos grupos económicos*, Lisboa.
- PIORE, Michael J.; SABEL, [s/d], *The second industrial divide*, s/l.
- PIROLLI, R. [s/d], *A empresa segundo o pensamento não marxista*, in RIBEIRO.
- POLLARD, Sidney [1967], *The genesis of modern management: a study of the industrial revolution in Great Britain*, London.
- PORTER, Michael [1994], *Construir as vantagens competitivas de Portugal*, Lisboa.
- RAMANANTSOA, Bernard [1987], *Identité d'entreprise et décision: les contraintes de l'histoire*, in HAMON e TORRES.
- REIS, Jaime [1982], *Latifúndio e progresso técnico: a difusão da debulha mecânica no Alentejo, 1860-1930*, in Análise Social, nº 71.



- REIS, Jaime [1984], *O atraso económico português em perspectiva histórica*, in Análise Social, nº 80.
- REIS, Jaime [1995], “*Confiança*”, “*Auxiliar*”, “*União*”, etc: *as novas companhias financeiras, 1838-1846* [comunicação apresentada ao 15º Encontro da Associação Portuguesa de História Económica e Social], Évora.
- RIBEIRO, José Félix; FERNANDES, Lino Gomes, RAMOS, Maria Manuel Carreira [1987], *Grande indústria, banca e grupos financeiros*, in Análise Social, nº 99.
- RIBEIRO, Manuel de Almeida [1995], *As empresas transnacionais e o direito internacional*, in Revista Portuguesa de Instituições Internacionais e Comunitárias, nº 1.
- RIBEIRO, Sérgio F. [s/d], *A empresa - célula base da actividade económica*, Lisboa.
- RICH, E. E.; WILSON, C. H. [1977], *The Cambridge economic history of Europe*, vol. 5, Cambridge.
- RODRIGUES [1993], Manuel Ferreira., *Arquivos das empresas: um património ignorado*, in Estudos Aveirenses, nº 1.
- RODRIGUES, Manuel Ferreira [1994], *A Metalurgia Casal, 1964-174 - elementos para uma cultura de empresa*, in Gestão e Desenvolvimento, nº 3.
- ROSA, Luís [1991], *Sociologia da empresa*, Lisboa.
- RUGMAN, Alan M. [1990], *Research in global strategic management*, vol. 1, Greenwich.
- SÁ, Jorge Vasconcellos e; MENDES, Dulce Ferreira [1995], *O planeamento em Portugal*, in O Economista, nº 8.
- SAMUELSON, Paul A.; NORDHAUS, William D. [1993], *Economia*, Lisboa.
- SANCHEZ LOPEZ, Francisco [1968], *La empresa como unidad de analisis sociologico*, in Revista de Estudios Politicos.
- SANTOS, A. Ramos dos [1977], *Desenvolvimento monopolista em Portugal (fase 1968-1973): estruturas fundamentais*, in Análise Social, nº 49.
- SANTOS, Boaventura de Sousa [1993], *Portugal: um retrato singular*, Porto.
- SANTUARI, Alceste [1995], *The societé anonyme in France and the French industrial revolution (1815-1848)*, in The Journal of European Economic History, vol. 24(3).
- SAPELLI, Giulio [1996], *La construcción social e histórica de la empresa: para un nuevo modelo teórico*, in COMÍN e MARTÍN ACEÑA.
- SCHMALENSEE, Richard; WILLIG, Robert D. [1989], *Handbook of industrial organization*, vol. 1, Amsterdam.
- SEGRESTIN, Denis [1992], *Sociologie de l'entreprise*, Paris.
- SEGURA SANCHEZ, Julio [1996], *Visiones analíticas de la empresa: evolución y nuevos enfoques de viejos problemas*, in COMÍN e MARTÍN-ACEÑA.
- SENGENBERGER, Werner; LOVEMAN, Gary ; PIORE, Michel J., *The re-emergence of small enterprises: industrial restructuring in industrialised countries*, Geneva..

- SIMÕES, Vitor Corado [1989], *Investimento estrangeiro em Portugal e mercado único europeu*, in Estudos de Economia, vol. 9(3).
- SIMÕES, Vitor Corado e CRISTOVÃO [1982], António, *Características e comportamento das maiores empresas industriais com capital estrangeiro: uma análise comparativa*, in Investimento e Tecnologia, nº 2
- SOBRAL, M. R. Rebordão Sobral e FERREIRA, J. E. Pinto, [1985], *Da livre concorrência à defesa da concorrência. História e conceitos base da legislação de defesa da concorrência*, Porto.
- SOSSON, Jean-Pierre [1991], *L'entrepreneur médiéval*, in CAVACIOCCHI.
- SUPPLE, Barry [1977], *The nature of enterprise*, in RICH; WILSON.
- TEICHOVA, Alice; LÉVY-LEBOYER, Maurice; NUSSBAUM, Helga [1989], *Multinational enterprise in historical perspective*, Cambridge.
- TORRES, Félix [1987], *Retour vers l'avenir: l'histoire dans l'entreprise*, in HAMON e TORRES.
- TORRES VILLANUEVA, Eugenio [1993], *Estrategia y estructura del grupo industrial Sota y Aznar. Un análisis de coste de transacción*, in JIMÉNEZ JIMÉNEZ.
- TORTELLA, Gabriel [1987], *Introducción a la economía para historiadores*, Madrid.
- TORTELLA, Gabriel [1993], *Comentario a las reflexiones sobre historia empresarial del profesor Valdalisó*, in Revista de Historia Económica, vol. 11(3).
- TORTELLA, Gabriel [1994a], *Patterns of economic retardation and recovery in south-western Europe in the nineteenth century*, in Economic History Review, vol. 47(1).
- TORTELLA, Gabriel [1994b], *El desarrollo de la España contemporánea. Historia económica de los siglos XIX y XX*, Madrid.
- VALDALISO, Jesus Maria [1993], *Algunas reflexiones acerca de la historia empresarial y su desarrollo en España*, in Revista de Historia Económica, vol. 11(2).
- VIDAL OLIVARES, Javier [1996], *Las compañías ferroviarias y la difusión de las modernas formas de gestión empresarial en España (1850-1914)*, in COMÍN; MARTIN-ACEÑA.
- VILAÇA, José Luís Cruz [1969], *A empresa cooperativa*, in Boletim de Ciências Económicas, nº 12 a 14.
- WILLIAMSON, Oliver E. [1981], *The modern corporation: origins, evolution, attributes*, in Journal of Economic Literature, 19(4).
- WILLIAMSON, Oliver E. [1983], *Markets and hierarchies*, New York and London.
- WILLIAMSON, Oliver E. [1989], *Transaction cost economics*, in SCHMALENSEE e WILLIG.